

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

# dma

2018

# 04

#ninguém descartado  
Sonhar. Agir



*Nesta edição: Tradução dos textos para a Língua Portuguesa*

# dma

REVISTA DAS  
FILHAS DE MARIA  
AUXILIADORA

NÚMERO 04 . 2018

Ano LXV  
TRIMESTRAL

[www.rivistadma.org](http://www.rivistadma.org)

Reg. Tribunale di Roma  
n. 13125/1969  
Sped. abb. post. - DL 353/2003  
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art. 1,  
comma 2 - DCB Roma

[www.rivistadma.org](http://www.rivistadma.org)

na capa

foto Archívio FMA

Editor

Istituto Internazionale

Maria Ausiliatrice

Via Ateneo Salesiano, 81

00139 Roma

tel. +39 06872741

fax +39 0687132306

e-mail: [dmanews1@cgfma.org](mailto:dmanews1@cgfma.org)

**Diretora responsável**

Mariagrazia Curti

**Redação**

Maria Helena Moreira

Gabriella Imperatore

**Colaborações**

Julia Arciniegas, Patrizia Bertagnini,

Mara Borsi, Maria Antonia Chinello,

Anna Rita Cristaino, Emilia Di

Massimo, Dora Eyllenstein, Palma

Lionetti, Anna Mariani, Maria

Perentaler, Maria Dolores Ruiz Pérez,

Debbie Ponsaran, Maria Rossi, Martha

Séide, Giuseppina Teruggi, Maria

Grazia Caputo, Caterina Cangia,

Mariano Diotto, Paolo Ondarza,

Giulia Paola di Nicola, Attilio Danese,

Consiglio generale FMA

**Layout e gráfica**

VICIS Srl

**paginação e tipografia**

VICIS Srl

V.le das Províncias, 37 - 00162 Roma

[www.vicis.it](http://www.vicis.it)

**Edição Extracomercial**

La revista **dma** è realizada sobre carta ecológica certificada FSC, constituída de pura celulose e.c.f. e por un elevado conteúdo de fibras de recuperação (pelo menos 5%).

na capa

foto arquivo das FMA

**Associativa USPI**

Unione Stampa

periódica italiana

## SUMÁRIO

**EDITORIAL:**  
**Sonhar. Agir** 03

**A Paz é o caminho**  
Os jovens para a Paz 04

**Cultura ecológica**  
**A não- violência para a sustentabilidade** 06

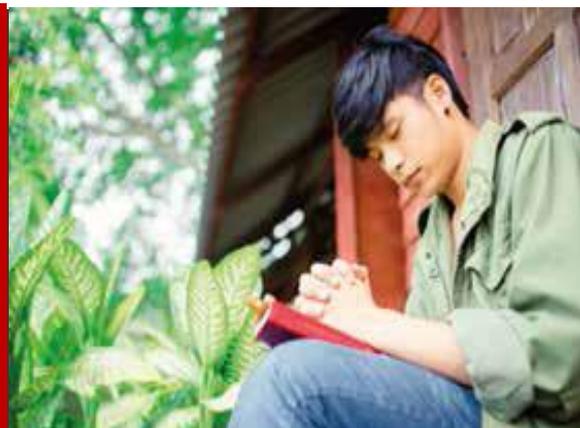
**Fio de Ariadne**  
**Um sonho... liberdade** 08

**Dossiê**  
**Sonhar... para agir** 10

**O caminho de Damasco**  
**Deus no centro** 14

**Horizonte família**  
**Quando desponta uma vocação no filho adolescente** 16

## O caminho de Damasco



**# Mulher**  
**Mulher comunicadora** 19

**Focus**  
**Experiência singulas na ONU** 21

**A voz dos jovens**  
**Os sonhos dos jovens** 23

**Polifonia**  
Sorrir, sonhar, olhar para o futuro... 24

**Comunicar**  
**Eu também estou!** 26

**Cinema**  
**Coco** 28

**Literatura**  
**A casa no meio do mar** 30

**Música**  
**Chamados a escolher** 31

**Laboratório**  
**Imagem**

**Não tenhas medo de sonhar ... com a câmera nas mãos** 33

**Camilla**  
**A juventude, um tempo para a santidade** 34

## Dossiê



# Sonhar. Agir

Estamos às portas do Sínodo dos Bispos sobre os jovens, um evento que nos envolveu em todas as etapas de preparação. Com os jovens percorremos um caminho que nos convidou a:

- *Sair* com uma atitude de liberdade interior, reconhecendo os movimentos do nosso coração, procurando dar nome àquilo que vivemos, para dar uma resposta mais livre a Deus.

- *Ver* na profundidade do coração, em sintonia com o Espírito de Deus que nos leva a uma límpida interpretação da vida, em atenção aos clamores mais íntimos dos jovens.

- *Chamar e sentir-se chamados*, “despertando o desejo”, fazendo-nos perguntas significativas, tomando cotidianamente decisões favoráveis à vida, empenhando-nos, como cidadãos cristãos, em transformar a sociedade.

Estamos, juntamente com os jovens, na estrada existencial do sair, do ver e do chamar, abrindo-nos ao passo do sonhar. O *sonhar* e o *agir* são uma síntese dos três verbos que nos têm guiado. O sonho e a ação abraçam o presente e nos lançam para o futuro. O sonho encontra a sua concretização segura quando nos colocamos em estado de permanente escuta da realidade e nos deixamos acompanhar pelo Espírito de Deus. É Ele que nos dá a *sabedoria da escuta* (cf. Estreia 2018). Trago aqui as sábias palavras do Papa Francisco, no seu diálogo com os jovens italianos durante a vigília de oração de agosto passado, e vos convido a lê-lo integralmente. Ele fala precisamente da força profética do sonho, encorajando os jovens a acolher, sem medo, os desejos que trazem no coração. “Os sonhos são importantes. Eles mantêm os nossos olhos abertos, ajudam-nos a abraçar o horizonte, a cultivar a esperança em cada ação

cotidiana. E os sonhos dos jovens são os mais importantes de todos. Os sonhos nos despertam, nos levam mais além, são as estrelas mais luminosas que indicam um caminho diferente para a humanidade. Vós, jovens, tendes no coração estas estrelas brilhantes que são os vossos sonhos: eles são a vossa responsabilidade e o vosso tesouro. Fazei que sejam também o vosso futuro! E o trabalho é este: transformar os sonhos de hoje na realidade do futuro! e por isso é preciso coragem, a coragem diante das resistências, das dificuldades e de tudo o que possa apagar os nossos sonhos. Devemos fazer crescer os sonhos, purificá-los, colocá-los à prova, compartilhá-los. Mas, vós já perguntastes de onde vêm os vossos sonhos? São sonhos grandes ou sonhos pequenos?”

“A Bíblia diz que os sonhos grandes são os capazes de ser fecundos: são capazes de semear paz, fraternidade e alegria; eles são os sonhos grandes, porque pensam em todos como um NÓS. Pensai bem: os verdadeiros sonhos são os sonhos do NÓS. Os sonhos grandes incluem, envolvem, são extrovertidos, compartilham, geram vida nova. Mas os sonhos grandes precisam de uma fonte inexaurível de esperança, de um Infinito que sopra dentro, dilatando-os. Eles precisam de Deus para não se tornar miragem ou delírio de onipotência. Tu podes sonhar as coisas grandes; com Deus não é preciso ter medo: vai adiante. Sonha grande” (Vigília de oração com os jovens italianos, 11 de agosto de 2018).

Permanecemos unidos em oração pelo Sínodo: “*Mantém aberto o coração dos jovens aos grandes sonhos e torna-os atentos ao bem dos irmãos*”

**Maria Helena Moreira**  
mhmoreira@cgfma.org

## Os jovens para a paz

**| Gabriella Imperatore, FMA**  
gimperatore@fma.org

***O Direito à paz. Também este é um direito e um dever, inscrito no coração da humanidade. Porque «a unidade prevalece sobre o conflito» (Evangelii gaudium, 226). Hoje muitos interesses e não poucos conflitos querem fazer desvanecer os grandes sonhos de paz. Experimenta-se uma fragilidade hesitante e a fadiga de sonhar grande. Os jovens, porém, defendem a paz!***

**Os jovens sonham a paz.** Poderá parecer irrealizável, no entanto querem mudar o mundo, para que os anciãos e as crianças não sejam deixados sozinhos, para que não sejam levantados muros. Querem um mundo livre e atento às necessidades dos mais pequeninos, um mundo onde, quem quer sair do Sul do mundo para trabalhar ou estudar, não precise arriscar a vida sobre um barco, mas possa comprar o seu bilhete, como todos fazem. Os jovens estão certos de poder mudar o mundo, de construir pontes, de dizer ao mundo que a sua liberdade se manifesta na escuta do Evangelho, e no empenho de solidariedade para com os outros. E sonham uma sociedade em que, nos TJ e nos jornais, não sejam usadas palavras de ódio e não sejam incitadas a violência e a discriminação.

Estes são os jovens que, em toda parte do mundo, enfrentam os desafios nas próprias cidades, lutam contra a difusão das armas, contra a guerra e a indiferença.

Então, a sua revolução está iniciada e continuará mudando o coração das pessoas, e não se deterá diante da indiferença, dos nacionalismos, do racismo e da violência.

### ■ **Os sonhos de paz dos jovens**

São os desejos de jovens normais procedentes de contextos e Países diversos, e todos aspiram habitar uma terra de paz:

«No início eu não entendia o sentido da proposta que me haviam feito, eu me perguntava por que em vez de falar de paz sentados em torno de uma mesa, estávamos juntos para cantar, para construir um mosaico, para preparar pacotes de alimentos a serem distribuídos. Depois eu entendi: graças a estas atividades feitas juntos, nós éramos mais do que participantes de um convênio sobre a paz procedentes de Países diversos, mas, somos pessoas, somos amigos que procuram construir a paz juntos.

Muitos jovens carregam o desejo de ajudar os outros, mas muitas vezes em nossa vida nós nos esquecemos disso, vivemos sem pensar nos outros. Para começar a fazer o bem, todos nós precisamos de um pequeno impulso inicial, de alguém que faça emergir em nós, este desejo. O empenho pessoal ajuda-nos a sair de nós mesmos e nos impele a ser para os outros. *“Há alguém que dispõe de cinco minutos para ajudar este mundo?”*».

***Nunca se é pequeno demais para construir pontes de paz entre as pessoas e entre os povos.***

«Sonho que se possam construir relações diferentes entre pais e filhos, relações que sejam plenas de amor, porque acredito que a violência e a paz nascem antes de tudo na família. Sonho também que possa existir, para todas as pessoas do mundo, a possibilidade de frequentar a escola, de receber uma educação».

«Gostaríamos de viver em paz, sem medo, sem conflitos e homicídios. Gostaríamos que todos tivessem a possibilidade de um trabalho e de ver respeitados os próprios direitos para estabelecer-se assim uma justiça social».

«Eu tenho quatro sonhos que quero compartilhar: tornar-me uma bailarina e ter uma escola de dança minha; formar-me em “relações internacionais”, de modo a poder servir o meu País com o meu trabalho; derrubar para sempre o muro que circunda os territórios palestinos, em particular o de Belém, que constitui um drama especialmente no lugar onde Jesus nasceu. Enfim, desejo que os sonhos de todas as pessoas do mundo possam realizar-se, que o ano de 2019 possa ser um ano de amor, alegria, felicidade e, o mais importante de tudo, um ano de paz».

«Penso que a paz possa ser alcançada somente se mudarmos a nossa mentalidade e as nossas prioridades pessoais, para dar lugar também às dos outros. Penso que possamos nos enriquecer muito se aprendermos a conhecer as diversas culturas porquanto a humanidade é feita para ser unida e compartilhar um caminho comum, embora na diversidade. Se é verdade que os grandes objetivos são alcançados passo a passo, penso que a solidariedade seja um passo importante para a realização do sonho de todos, não só o dos jovens: obter a paz em todo o mundo».

***Mudar o coração para vencer a indiferença, os nacionalismos, o racismo, a violência.***

### ■ Os passos da paz

O mundo nos observa. Os jovens procedentes de outros Países, com sempre maior frequência entram em contato com outras pessoas, pelo caminho, nos ônibus, nas repartições públicas, nas lojas, por meio da Internet... E o que encontram? Uma sociedade pacificada ou as guerras do petróleo, do dinheiro, dos estádios, da agressividade cotidiana nos condomínios ou no mundo do trabalho e da política, as guerras do bullismo, da droga, do desemprego juvenil, do sábado à noite...? É o comportamento de cada um que pode ensinar a viver em paz também a quem a paz nunca foi conhecida. A paz chega somente quando uma população estiver madura para vivê-la. E esta ma-

turação precisa de muitos passos: manter um povo vivo durante o conflito, sustentando alimentação, acesso à água, saúde; permitir-lhe instruir-se; facilitar as trocas com o exterior; remover as crianças do alistamento como soldados; e as meninas da exploração sexual, que prejudicam o seu futuro; sustentar projetos de formação não-violenta e democrática... E, portanto, não basta a assinatura de um tratado para a instauração da paz; ocorre, a seguir, continuar a sustentar a reconciliação entre as pessoas, retomar a economia, a formação da classe dirigente, a justiça e o diálogo nas trocas internacionais, ao contrário disso, a guerra voltará.

***O mundo muda se eu mudar***

A paz não precisa de heróis solitários, mas de gente que saiba trabalhar em equipe. Não queremos deixar sozinhos os jovens que trabalham nos Países em guerra, pois, podemos ser nós, a sua equipe. Hoje a distância não é um álbi, muito mais do que há 10 anos atrás.

### **Meditação pela Paz (de Ernesto Olivero)**

Neste tempo nós escolhemos, para nós e para os nossos filhos, e para todos aqueles que virão nos séculos.

Escolhemos o nosso e o seu futuro: amor ou ódio? Paz ou guerra? Justiça ou injustiça? Perdão ou vingança?

Hoje podemos servir a paz com toda a nossa força e com a força de todos os seres humanos que acreditam na paz, na justiça, no perdão. Com a coragem de quem sabe que leva a bandeira de todos, mesmo de quem não pode se fazer ouvir.

Servir a paz e a justiça é ver em cada homem nós mesmos. Servir a paz e a justiça é esquecer o medo e ver apenas a esperança.

Hoje escolhemos caminhar juntamente com todos os homens sem direitos do mundo.

Neste tempo, milhões de homens se põe em marcha para fugir do deserto, da guerra, das epidemias.

Hoje o sofrimento que atravessa as fronteiras pode se tornar ódio.

Mas não é o medo deste ódio que nos guia, mas sim a coragem de combatermos contra o sofrimento dos nossos irmãos.

Servir a paz e a justiça é reportar o homem ao homem; é entregar aos homens a Terra, a fim de que se escreva uma nova história: a história da humanidade libertada do medo, do ódio, do sofrimento.

## A não violência para a sustentabilidade

**Julia Arciniegas – Martha Séide**

j.arciniegas@cgfma.org – mseide@yahoo.com

**Qual é a relação entre *não-violência e desenvolvimento sustentável*, em nossos dias? Esta pergunta, empenhativa e inevitável, exige em primeiro lugar um esclarecimento sobre a relação entre os dois âmbitos. A contribuição evidencia um liame de estrita colaboração para metas de mudança. O caminho da inovação é traçado pelo projeto “*Eu Posso*”, as crianças e os jovens do mundo enfrentam os desafios da *Laudato si’* e os Objetivos da agenda 2030.**

### ■ Uma relação marcada pela reciprocidade

«Uma cultura da não-violência começa pelo respeito aos outros, mas não termina aqui. Para cultivar a paz, devemos respeitar a natureza», afirmava Ban Ki-moon por ocasião da *Jornada Internacional da não-violência* (2 de outubro de 2017), e citando o próprio Gandhi: «A Terra fornece bastante recurso para satisfazer as necessidades de cada um, mas não a avidez de cada um». Destas afirmações constata-se como a *não-violência* e a *sustentabilidade* encontram-se em uma estreita relação de interação recíproca.

O Instituto de Pesquisa sobre a sustentabilidade, reitera que se trata de um estilo de vida fundado na centralidade da pessoa; daí deriva a total rejeição de toda forma de violência, a visão coincidente de meios e fins, a necessidade de empenho para a plena satisfação das necessidades humanas fundamentais. Portanto, a não-violência entendida como força positiva da justiça e da responsabilidade, manifesta-se também por meio da rejeição da passividade e da indiferença, da exploração intensiva da terra, da poluição e do desperdício, em particular da

guerra que tem um impacto ambiental simplesmente devastador. Neste sentido a não-violência é sempre cultivada em vista de uma nova sustentabilidade.

### ■ Rumo a uma sustentabilidade renovada

A sustentabilidade deve ser compreendida no marco de um conceito amplo de desenvolvimento, cujo objetivo é o bem-estar integral da humanidade inteira, de cada pessoa e de toda pessoa (cf. *Populorum progresso*, 14).

A sustentabilidade, como afirma E. Giovannini, é permitir à geração atual satisfazer as próprias necessidades sem prejudicar a possibilidade de que a geração futura faça o mesmo. Se a atual geração desfrutar o capital físico, financeiro, social, natural e humano que caberia às gerações futuras, para satisfazer as próprias necessidades, isto quer dizer que aquela geração está num atalho de não sustentabilidade. Com a assinatura da Agenda 2030 a sustentabilidade assumiu um significado preciso, articulado e complexo com o escopo de transformar a situação atual rumo a uma mudança à medida da pessoa.

### ■ Um percurso de mudança: os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

«Segundo os peritos, em termos práticos, a sustentabilidade exige a realização dos 17 objetivos fixados na Agenda 2030, com os respectivos 169 target e os 240 indicadores. O modelo atual é insustentável do ponto de vista social, ambiental, econômico. Serve uma transição: a inovação e a técnica devem ter a finalidade do bem-estar social; a mudança deve ser produtiva, ou seja, gerar proveitos justos, tender ao respeito do espaço gerido e dos recursos naturais, garantir a toda a população um nível de vida aceitável, justo inclusivo.

A agenda 2030 é o instrumento para guiar esta mudança: empenha governos, sociedade civil e indivíduos rumo a um novo modelo de desenvolvimento sustentável. “Guiar a mudança é uma promessa feita pelos líderes de todos os Países das Nações Unidas a todos os povos. É uma Agenda para as pessoas, para pôr fim à pobreza em todas as suas formas, uma Agenda para o planeta, a nossa casa comum” (Ban Ki-moon).

Na mesma perspectiva, Papa Francisco afirma que «o desafio urgente de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar [...]. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar para construir a nossa casa comum. Os jovens exigem de nós uma mudança. Eles se perguntam como é possível que se pretenda construir um futuro melhor sem pensar na crise ambiental e no sofrimento dos excluídos» (LS n. 3).

Como responder a este desafio para que a Agenda 2030 possa efetivamente alcançar as metas propostas? Quais estratégias ativar para que a humanidade possa otimizar as próprias potencialidades para responder à pergunta de mudança, dos jovens?

#### ■ “Eu posso”, um projeto educativo para mudar o mundo

O projeto “Eu posso”, lançado pelo OIEC (Office International dell’Enseignement Catholique) do qual o Instituto FMA é membro associado, pretende responder às sollicitações da Carta Encíclica *Laudato Si’* do Papa Francisco, sobre o cuidado da casa comum, tendo presentes também os Objetivos de desenvolvimento sustentável, até 2030. Este projeto é elaborado com o patrocínio da Congregação para a Educação Católica, com a colaboração da União Internacional das Superiores Gerais, a União dos Superiores Gerais e de outras Associações e organizações educativas.

A partir do título do projeto, deseja-se sublinhar o protagonismo das crianças e dos jovens das escolas e centros educativos, com a convicção de que as crianças e os jovens têm apenas a necessidade de uma oportunidade para mudar o mundo. Os professores e os educadores são chamados a acompanhá-los a identificar um desafio que enfrentarão de modo crítico, criativo, colaborativo e comunicativo colocando nisso o coração, a cabeça, as mãos e os pés segundo a metodologia do *Design for Change* (DFC).

#### ■ Design for Change uma metodologia para a liderança

A metodologia, nascida em 2001 na cidade de Gandhi, chamada Ahmedabad, na parte oeste da Índia de Kiran Bir Sethi, tornou-se já um movimento internacional pre-

sente em 65 nações, com resultados ótimos de transformação e melhora das pessoas e dos contextos em que vivem, garantindo a excelência educativa.

«Quatro simples fases compõem qualquer projeto ou história de mudança: sentir a necessidade ou os problemas; imaginar novas soluções; agir e construir a mudança; compartilhar a história para contagiar e inspirar o maior número possível de pessoas. O objetivo é realizar uma corrente mundial de crianças e jovens em ação, e mudar passo a passo o mundo. Para fazê-lo põe-se em prática quatro competências basilares, os *quatro ‘C’ pedagógicos: pensamento crítico, criatividade, colaboração, comunicação*» (Guia Pedagógico “*Eu posso*”). Esta metodologia proposta à escola católica é uma oportunidade para cultivar os talentos e promover o empreendedorismo social das crianças e dos jovens na visão do humanismo solidário.

#### ■ As escolas católicas unidas para a sustentabilidade

Para a difusão do projeto, o OIEC elaborou um calendário em quatro etapas que permitirão assegurar a formação dos professores, a realização de projetos de mudança, a celebração e a partilha das experiências mais significativas. Será uma ocasião para que as crianças e os jovens possam narrar ao mundo o que fazer para cuidar e melhorar a “casa comum”. Assim, pode-se criar uma rede mundial de crianças e jovens que mudem eles mesmos, o seu contexto construindo um mundo mais humano, solidário e ecológico.

Segundo esta proposta, o projeto “Eu posso” está em perfeita sintonia com os valores da sustentabilidade em todos os seus aspectos e por conseguinte é uma contribuição essencial para a cultura da não-violência.

#### ■ Juntos podemos mudar o mundo

O Secretário geral, Philippe Richard afirma que, com este projeto, «A OIEC empenhou-se com a Congregação para a Educação Católica, em responder aos desafios da *Laudato si’*, na sua rede de 210.000 escolas presentes em mais de cem países. A metodologia *Design For Change* nos ajudará a promover a transformação das pessoas e dos contextos, graças à educação.

O mundo, o nosso mundo, deve mudar, e são as gerações mais jovens que devem

dizê-lo, ou melhor, fazê-lo. Nós educadores católicos, devemos acompanhar estes jovens no seu trabalho de construção de uma casa comum, de paz e de justiça internacional, de desenvolvimento sustentável e de luta contra a pobreza. DFC é um instrumento maravilhoso para isso».

Portanto, todas as comunidades educativas são convidadas a entrar na rede não só como escolas católicas, mas sobretudo continuando a realizar histórias significativas de mudanças, promovendo sempre mais o protagonismo infantil e juvenil, a fim de que a não-violência abrace a sustentabilidade.

---

PRIMEIRO PLANO *Fio de Ariadne*

## Um sonho... liberdade

**| Maria Rossi**  
rossi\_maria@libero.it

**Uma das maiores aspirações dos seres humanos é a de ser e de sentir-se livres. Uma das maiores 'fadigas' da parte de quem detém qualquer poder, às vezes também familiar, parece ser permitir às pessoas de serem realmente livres. A história e também a crônica atual está plena de violências perpetradas, especialmente pelos regimes totalitários, para contrastar a liberdade de pensamento e de consciência, uma premissa para a liberdade de agir.**

Nos Países ocidentais, e gradualmente também em outros, goza-se de uma discreta liberdade externa, de movimento. A grande maioria acredita ser livre mesmo se, já faz algum tempo, vai-se alargando o número de pessoas que se interrogam sobre o tipo de liberdade vivida, mesmo nos Países com democracias consolidadas. Serpeia uma suspeita, infundada, de que muitas escolhas sejam dirigidas e, de modo dissimulado, impostas pelas superpotências econômicas. Talvez se esteja confirmando o inquietante presságio de A. Huxley, ou seja, o advento de uma manipulação invisível e capilar, "uma ditadura perfeita que terá o semblante de

uma democracia. Uma prisão sem muros na qual os prisioneiros não sonham em fugir. Um sistema de escravidão onde, graças ao consumo e ao divertimento, os escravos amarão a sua escravidão".

Além das *fake news*, as falsas notícias criadas internacionalmente e divulgadas pelo *social* para influenciar a opinião pública e as modas de sempre, uma refinada publicidade está pilotando muitas escolhas. A publicidade considerando o fato de que os indivíduos estão interessados no próprio bem-estar, que ninguém ama a fadiga pela fadiga e que é espontâneo evitá-la, chega a convencer de que o uso e o consumo deste e daquele produto facilitam o viver e concorrem para uma maior liberdade. Na realidade, muitos produtos, entre os quais os criados pelo célebre 'usa e joga', requerem menos fadiga e oferecem mais tempo livre. *Mas, isto é liberdade? E então aquele ir ao encontro de uma dependência comportamental pelas múltiplas ofertas do smartphone, que está cotidianamente sob os olhos de todos, como se conjuga com a liberdade?*

### ■ Liberdade interior

Outra e, talvez, maior fadiga é sair do próprio egocentrismo e percorrer o acidentado caminho humano e espiritual que leva à liberdade interior, liberdade que permite discernir e escolher quem ser, e o que fazer sem ser muito pilotada/o. A libertação dos condicionamentos externos depende de se ter alcançado a liberdade dos condicionamentos pessoais internos, aquela liberdade que, como testemunham os escritos de Etty Hillesum e de outros, é indestrutível, sobrevive mesmo nos campos de concentração e não se dobra às pressões. É a virtude dos sábios, dos santos, dos mártires.

A liberdade interior requer atitude para pensar, para a busca, para o confronto das informações, para a vigilância crítica, e um grande respeito pelas pessoas, pelas suas fragilidades e por tudo o que vive. Requer um conhecimento e uma plena aceitação de si, dos próprios limites e a capacidade de colocar-se em discussão sem perder, antes, potenciando a confiança em si mesmo. É uma conquista humana, espiritual não fácil, mas possível. Segundo Layus são poucas as pessoas que a alcançam e "nunca em todos os momentos da sua existência". Quem está lendo, provavelmente, está entre estas.

Expressar o próprio juízo independentemente das opiniões dominantes; pensar que as várias culturas, incluindo a própria, podem ter lacunas e deformações; não seguir automaticamente um superior hierárquico ou uma corrente de pensamento; não se deixar obcecar pelas próprias paixões e pelos próprios interesses; saber perceber as jogadas do próprio egocentrismo e ir além, requer coragem, tempos de reflexão e de oração.

A liberdade interior diz respeito aos outros, ao mundo externo, à tecnologia, mas, sobretudo a si mesmo. Rayan Holiday, consultante estratégico, assim intitula um interessante livro seu: *“O Ego é o inimigo. Como dominar o nosso maior adversário”* sempre pronto a insurgir, a cobrir, a se desculpar.

Sentimos necessidade de dizer a nós mesmos que somos inteligentes, que temos cumprido o nosso dever, que estamos certos, que foram outros que erraram, que temos o direito de fazer aquilo que acreditamos ser oportuno e de fazer valer os nossos direitos. Muitas vezes temos boas razões para pensar assim, mas podemos também enganar-nos. Um autor escreve: *O primeiro princípio é que não deveis enganar-vos a vós mesmos. A pessoa mais fácil de ser enganada sois precisamente vós mesmos”*.

O egocentrismo leva a achar-se melhor do que os outros, a julgar, a assumir atitudes de pseudo-segurança com um misto de arrogância e de ambição que não pondera adequadamente os limites da realidade e não percebe as objeções e sugestões. Tende a “usar” os outros em função de si mesmo, do seu sucesso, das suas necessidades. É uma atitude favorita da atual cultura. É interpretada muitas vezes como expressão de quem tem um caráter forte, decidido, seguro, capaz de chegar onde quer. Formas disfarçadas de egocentrismo são a rigidez (sempre se fez assim), a suscetibilidade, o perfeccionismo, o medo de admitir os próprios limites e os próprios erros.

### ■ **Humildade e caridade**

Para sair do próprio egocentrismo e alcançar a liberdade interior, filha da sabedoria, requer-se aquela atitude **humilde e realista** que permita aceitar-se como se é física, social e psicologicamente; aquela atitude humilde e realista diante do que se tem e do que falta; diante da própria história

de sucessos, falências, dificuldades. A aceitação de si unifica, assegura, liberta do medo e das defesas que levam a assumir atitudes que deságuam na arrogância, no infantilismo ou na obsessão. Isso ajuda também a aceitar os outros por aquilo que são, e a criar fraternidade. Na expressão falada, mais do que o *eu*, predomina o *nós*. Ao lado da pessoa livre e humilde, está-se bem: não se teme nem o juízo nem a manipulação. A vida sóbria, o olhar clarividente, sereno e benévolo diante de tudo aquilo que vive, emana confiança e, especialmente nos momentos de dúvida e de desconforto, faz nascer o desejo de encontrá-la.

A pessoa humilde não procura e não ama a humilhação; não se prostra diante de quem tem poder; ama servir sem ser servil e rejeita fazer só por obrigação; não se admira com as dificuldades, com quem voluntariamente lhe dificulta o caminho, mas não desiste, suporta com paciência, espera, resiste, vai adiante com dignidade e leva a termo os seus objetivos. Segundo Holiday, este é o caminho para se alcançar o sucesso. E a santidade também é um sucesso. Dom Bosco, especialmente no início da sua missão, dificultado até mesmo por personagens influentes, fica atento, sofre, mas resiste, vai adiante e alcança os seus objetivos. Ele se tornara “forte, humilde, robusto” e livre. Muitas características da humildade correspondem às da caridade (cf. Cor. 13,4-7). A liberdade, a humildade e a caridade se reforçam reciprocamente.

O humilde não é o tipo submisso, servil, pescoço torto, sem personalidade, como muitos pensam. É a pessoa forte, sábia, dignitosa, resiliente, libertada dos condicionamentos internos e externos, que ama a vida e cria fraternidade. As pessoas humildes e fortes, escreve Holiday, “Não se deixam levar pelas lamentações e pela autocomiseração. Nelas há resiliência estoica, até mesmo alegre. Não precisam ser compadecidas. A sua identidade não é ameaçada; podem fazê-la atuar também sem as confirmações constantes”.

A liberdade interior é uma virtude incômoda. É dificultada por quem detém o poder político e muitas vezes ameaçada por aqueles que gerenciam o econômico. As pessoas livres criticam o consumismo como atitude induzida. A liberdade interior não é fácil de ser alcançada, porque espontaneamente vai-se na direção daquilo que é mais

fácil e mais cômodo. Prefere-se não fazer tantas perguntas e seguir as opiniões dominantes, cuidar dos próprios interesses e viver em paz. É uma virtude mal vista por aqueles que não toleram quem sai da inércia. Não faltam aqueles que apreciam as pessoas interiormente livres, mesmo se a admiração dificilmente se torne imitação. É desconfortável viver nesse nível, mas animador.

O convite feito a Dom Bosco no sonho: **“torna-te forte, humilde e robusto”** e livre, retorna, atual e urgente. Assumir conscientemente, **com a força da humildade**, a riqueza, as fragilidades e limites da própria criaturalidade humana e manter a mente aberta ao Verdadeiro, ao Bem e ao Belo, torna possível sair da névoa dos con-

dicionamentos internos e externos, e alcançar aquela liberdade que irradia luz e serenidade, cria fraternidade e salva.

HOLIDAY Rian, *Ego é o inimigo. Como dominar o nosso maior adversário*, Giunti Psychometrics, Florença, 2017. O Autor “nos oferece uma reflexão prática sobre a natureza e os perigos do ego... para mostrar-nos como ser humildes nas aspirações, dignitosos no sucesso, resilientes nas falhas, confiando e tendo fé em nós mesmos mais do que no ego.

Para aprofundar

- ALTER Adam, *Irresistível. Como dizer não à escrevidão da tecnologia*, Giunti, Florença, 2017.

- LAYUS Nathalie Sartou, *Fundamento da liberdade de consciência*, em *Mulheres Mundo Igreja, Observatório romano*, setembro, 2017.

---

# DOSSIÊ

## Sonhar... para agir

Lee Ok Ja Giuliana, FMA Coreia  
Okja69@hanmail.net

**A realidade juvenil no contexto asiático e as experiências de acompanhamento dos jovens de hoje, evidenciam um duplo aspecto do patrimônio cultural da Ásia: a visão holística e a dimensão do silêncio. São duas características do povo asiático, irrenunciáveis do ponto de vista cultural, pedagógico, religioso e espiritual. Elas são um meio ordinário com o qual realizam-se diversas iniciativas pastorais e educativas na Igreja local e na comunidade cristã. Não obstante o risco da incompreensão que acompanha as pessoas na convivência com pessoas de língua e cultura diferentes, dá-se sempre mais importância ao empenho de viver em atitude de respeito e de acolhida. E o silêncio é a forma e a fonte do diálogo entre as pessoas que buscam uma relação de confiança e**

**de amizade-confronto com pessoas de outras procedências culturais.**

«A Igreja está ciente de possuir “aquilo que faz a força e a beleza dos jovens: a capacidade de alegrar-se com aquilo que começa, de dar-se sem retorno, de renovar-se e de tornar a partir para novas conquistas”; as riquezas da sua tradição espiritual oferecem muitos instrumentos com os quais acompanhar a maturação da consciência e de uma liberdade autêntica» (*Documento preparatório para o Sínodo dos Bispos sobre «Oa jovens, a fé e o discernimento vocacional»*, apresentado em 13 de janeiro de 2017).

Ser uma trama viva da Igreja de hoje que, com a orientação do Papa Francisco, deseja colocar-se à escuta da voz dos jovens, da sua sensibilidade e fé, dos seus gritos, das suas dúvidas e das suas críticas, é um belo desafio. E é este, de fato, o caminho preparatório do Sínodo sobre os jovens: “*Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*”.

Fortemente querido pelo Papa Francisco, o Sínodo é também ocasião favorável para as Filhas de Maria Auxiliadora, chamadas a serem educadoras dos jovens, a educar à fé e à vida nas diversas expressões e lugares ordinários da Vida Consagrada.

### ■ Os jovens no contexto asiático

A Ásia é o mais vasto continente da Terra, habitado por cerca de dois terços da população mundial: um extenso território com uma população numerosa, herdeira de antigas culturas e tradições religiosas. É impressionante na Ásia a variedade de culturas, línguas, crenças e tradições que constituem parte do patrimônio da Família humana. A Ásia é também o berço das religiões do mundo e lugar de florescimento das grandes tradições religiosas e espirituais: milhões de pessoas seguem diferentes religiões e tradições, com uma pluralidade de ritos, estruturas e credos religiosos. A Igreja na Ásia promove o diálogo interreligioso e tece um relacionamento sincero com as pessoas de outros credos religiosos.

No contexto cultural emergem os valores típicos desta terra: o amor pelo silêncio e pela natureza, a não violência, a contemplação, a simplicidade, a harmonia, o espírito de duro trabalho e de disciplina, a sede de conhecimento e de busca da verdade, etc. Eles são vividos de maneira concreta: fazem parte dos currículos escolares os valores da família, o respeito pela vida e a compaixão por cada ser vivo, o amor filial pelos pais, pelos anciãos e pelos antepassados, e o sentido de comunidade altamente desenvolvido.

### ■ Na Aldeia da fé global

Para testemunhar o Evangelho na Ásia nós nos empenhamos em encarnar a mensagem e a vida de Cristo em nossas vidas e no território. É muito importante realizar uma partilha sincera de experiências, de ideias e de propostas de modo a transformá-las em lugar de encontro entre as pessoas, de comunhão das mentes e dos corações capazes de respeitar e transcender as diferenças. O objetivo prioritário das atividades educativo-pastorais consiste, em primeiro lugar, em dar prioridade à construção de uma verdadeira comunidade cristã, uma comunidade educativa que viva a Palavra de modo autêntico, realizando a Sua encarnação, *Corpo de Cristo* em um de-

terminado tempo e lugar de encontro com as pessoas.

Neste tempo evidencia-se uma crise da pastoral vocacional em todas as tradições e Instituições religiosas. Os ideogramas do termo chinês “crise”, ressalta mais o sentido do perigo do que o da oportunidade. Por isso os jovens vivem um tempo de fadiga, em que não faltam os desafios sobre o sentido profundo dos valores tradicionais, precioso patrimônio para a vida do homem. Ao mesmo tempo vive-se um tempo de oportunidades, porque existe o esforço para valorizar e transmitir às gerações futuras, a força do Evangelho.

«*Jesus Cristo, o Salvador e a sua missão de amor e de serviço na Ásia: para que tenhamos a vida e a tenhamos em abundância*». Na *Igreja na Ásia*, a Exortação apostólica pós-sinodal de São João Paulo II, publicada às portas do Terceiro Milênio, em 6 de novembro de 1999, entrevê, para as Igrejas na Ásia, uma peculiar realidade que deve ser sublinhada: o contexto da interculturalidade e do pluralismo religioso. Na Ásia requer-se o diálogo com as grandes tradições religiosas da população, o respeito pelas crenças alheias e pelas tradições religiosas, consideradas como elementos importantes e positivos, e contendo os profundos ideais da vida humana. Tudo isso expressa a importância do diálogo que é reconhecido e confirmado como o “modo característico da vida da Igreja na Ásia”.

Os problemas que os jovens têm de enfrentar em um contexto de forte mudança sócio-política, nos impelem a ir ao seu encontro chamando-os às suas responsabilidades diante do futuro da sociedade e da Igreja, encorajando-os e sustentando-os em cada passo, para serem capazes de assumir os seus empenhos. Assim como o Papa Francisco nos seus discursos repete várias vezes aos jovens que eles podem ser agentes eficazes na missão e à comunidade eclesial, para que nela haja uma cuidadosa e adequada pastoral. São tantas as dioceses, as escolas católicas e as paróquias que têm assumido esta tarefa para com os jovens, oferecendo-lhes uma formação integral e procurando conduzi-los pelo caminho do verdadeiro discipulado.

### ■ Fé, discernimento e acompanhamento

O Sínodo já está às portas e nós, Filhas de Maria Auxiliadora, estamos como nunca conscientes do chamado à santidade e do viver com e para os jovens com total adesão ao Projeto divino.

«Para acompanhar uma outra pessoa não basta estudar a teoria do discernimento; ocorre fazer na própria pele a experiência de interpretar os movimentos do coração para reconhecer neles a ação do Espírito, cuja voz sabe falar à singularidade de cada um. O acompanhamento pessoal requer afinar continuamente a própria sensibilidade à voz do Espírito e conduzir a descobrir nas peculiaridades pessoais um recurso e uma riqueza» (Documento preparatório ao Sínodo).

Tanto para o mundo eclesial como para o mundo salesiano, o ano de 2018 foi caracterizado pelas múltiplas propostas de santidade e de reflexão sobre o acompanhamento e sobre o discernimento dos jovens na sua escolha de vida. Em particular, para as Filhas de Maria Auxiliadora, consagradas e educadoras dos jovens, foi um tempo favorável para consolidar a pertença à Igreja a caminho rumo ao Sínodo, e ao Instituto que é uma Família religiosa aberta e disponível para acolher cada evento como dom de Deus, reavivando a paixão do *da mihi animas cetera tolle* em vista da plena felicidade dos jovens no mundo inteiro.

Jovens e discernimento, para o Papa Francisco, são temas sempre unidos, um ilumina o outro. Ressoa em mim com variadas tonalidades, o apelo da Madre Geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, Madre Yvonne Reungoat (Carta Circular 977) *Com os jovens tocamos as cordas da vida. A Madre fala de alegria, porque a santidade se manifesta na alegria que emana de um coração voltado para Deus. «Viver em plenitude a vocação significa dilatar o coração em espaços de relacionamentos sempre mais amplos. Fazendo memória do chamado, encontramos a força para viver aquela transformação no amor que nos impede de nos tornar pessoas “acomodadas”».* Trata-se de alegrar-se em Deus e com os outros, por sermos amados gratuitamente por Deus e poder amar os jovens a nós confiados desde o momento do nosso Sim a Ele.

### ■ Ser pessoas de fé

A fé é, em primeiro lugar, um dom para todos, um dom que recebemos de Deus

gratuitamente. Todavia, acolher o dom da fé não é uma conclusão inevitável. No contexto cultural de hoje a fé se torna sempre mais uma escolha subjetiva, fruto de uma descoberta e decisão pessoais. Tal impacto é devido também à secularização, à indiferença e à desconfiança que está se alastrando rapidamente na Aldeia global, e com uma visão materialista e individualista da vida.

Recentes inquéritos sobre os jovens põem em evidência que existe uma verdadeira crise de religiosidade e de busca de sentido, e, no entanto, um grupo considerável de jovens percebe a necessidade de entrar em profundidade na sua vida espiritual para encontrar o equilíbrio e a harmonia pessoal em um mundo frenético, fragmentado e em rápida evolução. Muitos são os jovens que experimentam uma profunda sede de valores espirituais, como é manifestado pela presença considerável de movimentos de voluntariado e novos movimentos religiosos.

Mais que nunca, há necessidade hoje de integrar a oração na vida cotidiana. A geração atual tende a perder o sentido de Deus, da sua presença no mundo, da Providência operante na vida de cada um. Crentes de todas as religiões, cristãos inclusive, não são imunes desses influxos. Também eles são tentados a abandonar a oração e a realidade do Espírito. Com o avançar do secularismo e da não crença, diante do senso de completa autossuficiência, é a oração autêntica que gera na vida cristã um claro testemunho de serviço e de amor. É o serviço do dom total de si aos outros, até o sacrifício da vida, que exprime o testemunho mais eloquente da presença de Deus no mundo. Este dom total de si já é um modo eficaz de proclamar o Evangelho aos outros e um meio indispensável para colaborar com o Espírito Santo no promover a Missão da Igreja. O Senhor nos chamou por aquilo que somos e temos. É a gratuidade da nossa entrega ao Senhor e a experiência da misericórdia de Deus que sustentam os passos de quem vive a missão com alegria. No nosso caminho de discernimento e de acompanhamento é levado em consideração que, se se quer ser testemunhas da beleza do chamado, não é possível fazê-lo sozinhos, porque o empenho a viver o chamado à santidade se exprime na comunidade educativa, em comunhão: FMA, Leigos e jovens. Somos corresponsáveis pela nossa

missão; vivemos em comunidade e professamos juntos a nossa fé.

### ■ Saber escutar e dialogar com os jovens de hoje

As realidades sociais e culturais, hodiernas, favorecem a construção de uma rede de relações e conexões, em vários níveis, entre os diversos grupos. Isso nos interpela ao enfrentar o tema da identidade cultural e religiosa com relação ao encontro com os jovens de hoje. A capacidade de escuta e de diálogo é a atitude habitual naqueles que são chamados a acompanhar os jovens. Os jovens se sentem atraídos, quando somos capazes de escutá-los com simpatia e empatia, juntos, em um processo de integração e de cooperação; somente assim os jovens entregam a sua experiência de vida em nossas mãos.

Para o povo da Ásia o espírito de tolerância religiosa é considerado como um *dever civil*, com exceção de alguns Países de forte predominância religiosa. Como em tantas outras realidades culturais, assim também a Igreja na Ásia assumiu, com particular empenho, a tarefa da educação cristã: desenvolver as atividades evangelizadoras, especialmente nos Institutos Católicos de Educação, onde são imprescindíveis a oração e a formação à oração. Se os jovens aprendem a dialogar com Deus nas diversas situações da vida pessoal, e a confiar-se a Ele, podem superar o individualismo e conquistar a liberdade interior para colocar sua vida a serviço dos outros. A oração ajuda a encontrar o caminho da Verdade e da Sabedoria, do dom de si e do Amor.

### ■ A ação pastoral

No contexto cultural coreano organizam-se muitas iniciativas e obras apostólicas para a juventude, oportunidade para viver a experiência do encontro com a Palavra e da amizade cristã. Muitas são as Instituições religiosas, os Centros juvenis, as paróquias, as associações e os movimentos juvenis capazes de ajudar a enfrentar os desafios do mundo. Muitas Instituições educativas oferecem aos jovens um lugar formativo para o crescimento na vida cristã, para um apoio na orientação profissional, para uma busca da própria vocação e para enfrentar as fadigas da juventude.

O modo de educar e de acompanhar os jovens manifesta também a sua capacidade ou habilidade no relacionar-se com os outros, e os ajuda a crescer na própria identidade e dimensão relacional. As pessoas consagradas, educadoras dos jovens, reconhecendo em primeiro lugar a própria humanidade, desenvolvem a missão em comunhão, reforçam a fé em Deus que os chama todos os dias a responder com caridade, para que a sua vida seja sempre mais vivida evangélica e salesianamente. É importante também dedicar tempo ao estudo e ao aprofundamento da Sagrada Escritura, do Magistério da Igreja e do Instituto, e da espiritualidade pedagógica dos nossos Santos Fundadores. Hoje a Igreja trás à luz, de que modo a formação cristã dos jovens parte do reconhecimento de que eles não são apenas destinatários do cuidado pastoral da Igreja, mas são os *agentes e protagonistas na missão da Igreja, na pluralidade de ações pastorais, de caridade e de serviço. Também no nosso ambiente educativo as crianças e os jovens são reconhecidos como nossos interlocutores e companheiros no caminho da fé e da santidade*

***Um mundo melhor constrói-se também graças a vocês (Papa Francisco)***

### ■ Acreditar nos jovens

Nós, filhas de Maria Auxiliadora, somos chamadas a difundir o Carisma de Dom Bosco e Madre Mazzarello, o dom do Espírito para a juventude de hoje e de amanhã, imitando os nossos Fundadores, como modelos de educação e de santidade, reconhecendo que os jovens precisam dos nossos olhos e dos nossos ouvidos, do nosso coração aberto e acolhedor para progredirem no caminho de crescimento na fé e na vida. Hoje, no ambiente educativo e pastoral de diversas dioceses e paróquias, os jovens são ativos colaboradores na missão. Há muitas iniciativas e experiências de voluntariado e de animação missionária: as crianças e os jovens envolvidos nas atividades a eles propostas; é valorizada a sua presença, o frescor e o entusiasmo, o espírito de solidariedade e de esperança. E são precisamente estas qualidades que os tornam construtores de paz. As FMA são chamadas a encorajar os jovens, a favorecer experiências de troca com outras comunidades cristãs, com as Igrejas particulares e de

outros continentes, para promover a evangelização e a troca inter-cultural. O Papa, aos jovens da Ásia reunidos na Catedral de St. Mary a Yagon em Myanmar, lançou o desafio de se tornarem discípulos missionários para os seus companheiros, convidando-os a refletir sobre a necessidade de ter um conhecimento pessoal de Jesus, de tornar-se seus mensageiros, e de serem enviados a outros (cf. Rm 10, 14-15). Trata-se, então, de tomarem consciência de que este desafio a serem protagonistas no encontro com Jesus e a testemunhá-lo, começa pelo próximo mais próximo, no momento presente da vida.

#### Acompanhar na era da comunicação

Nesta época de globalização os meios de comunicação social têm alcançado uma tal importância por ser, para os nativos digitais, o principal instrumento informativo e formativo, de guia e de inspiração aos comportamentos individuais e familiares, uma referência no tomar posições diante das culturas religiosas e sócio-políticas. Em tal contexto globalizado e globalizante emergem novos modos de comunicar com novos instrumentos e novas linguagens, novas tecnologias e técnicas de comunicação, novas atitudes, novas crenças religiosas e novas posições sócio-políticas. É notável o papel desenvolvido pelos meios de comunicação social nas sociedades asiáticas: eles plasmam o modo de pensar e transformam as culturas e o mundo juvenil, com uma velocidade incrível.

Do mesmo modo, também a missão evangelizadora da Igreja é profundamente marcada pelo impacto da mídia. De certo, podem ser de grande ajuda no anúncio do Evangelho em cada ângulo do Continente, todavia, precisa vigiar e considerar a sua influência que, às vezes, corre o risco de obscurecer os valores tradicionais. O nosso empenho educativo-pastoral não se detém diante desta realidade, mas é estímulo a buscar novos modos para integrar os instrumentos de comunicação com as planificações das atividades pastorais, para ajudar os jovens a fazer dela um uso crítico ao difundir a alegria do Evangelho e os valores do Reino. «Sonho uma escolha missionária capaz de transformar cada coisa, para que os hábitos, os estilos, os horários, a linguagem e cada estrutura eclesial se tornem um canal adequado para a evangelização do mundo atual, mais que por autopreservação. A reforma das estruturas, que exige a conversão pastoral, pode-se entender somente neste sentido: fazer de modo que elas todas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais expansiva e aberta, que ponha os agentes pastorais em constante atitude de 'saída' e favoreça assim a resposta positiva de todos aqueles aos quais Jesus oferece a sua amizade» (Papa Francisco, *Exortação apostólica "Evangelii Gaudium"* n. 27 – 24 de novembro de 2013). É urgente potenciar a autoformação e a formação dos agentes de evangelização, dos catequistas e jovens, tanto religiosos como leigos. Diante da ampla influência e do impacto das novas mídias, os educadores/as dos jovens possam trabalhar junto com os membros de outras Instituições e com outras Entidades sociais, também com pessoas de outras fé, para difundir os valores espirituais e éticos por meio da mídia, com uma atenção ao contexto educativo.

EM BUSCA *O Caminho de Damasco*

## Deus no centro

| Mara Borsi, FMA

mara@fmails.it

**Dos Evangelhos emerge como a educação à fé da parte de Jesus está toda voltada ao anúncio do Reino de Deus. Jesus nunca aparece centralizado em si mesmo, na obra de evangelização, aparece sempre descentralizado em relação a Deus, ao Pai que, com confiança absoluta, chamava: «Abbá, Papai» (Mc 14, 36).**

Jesus é a pessoa na qual Deus pôde falar sem nenhum obstáculo! E mais, com toda a sua vida, feita de ações e de palavras, Jesus emerge como aquele que procura narrar Deus, tornar o Deus dos pais, uma boa notícia, destruindo todas as falsas imagens d'Ele elaboradas pelos homens. Jesus fala de Deus, sobretudo, nas parábolas, narrando eventos humanos, mostrando como o Reino de Deus seja a boa notícia para os homens e as mulheres, boa notícia nas suas vidas cotidianas, reais.

*Jesus Cristo, o nosso pedagogo, traçou para nós o modelo da verdadeira vida e educou o homem que vive nele. Então, assumamos o estilo salvífico do nosso Salvador, nós os filhos do bom Pai e cria-turas do bom pedagogo (Clemente Ale-xandrino, "O pedagogo" I, 98, 1.3).*

Por meio da sua humaníssima vida, de verdadeiro homem, o autêntico *adam* querido por Deus (cf. Cl 1, 15-16), Jesus narra e anuncia Deus; mostra como Deus reina sobre Ele e, reinando, combate e vence a doença, o mal, o sofrimento, a morte.

É por tê-lo visto viver deste modo que João escreve no final do prólogo do Quarto Evangelho: «Ninguém jamais viu Deus, mas, ele próprio, Jesus, no-lo deu a conhecer» (Jo 1, 18). Jesus, palavra e rosto de Deus, mostra o homem autêntico, chamado a ser a sua imagem e semelhança. Com a sua humanidade plena e não marcada pelo pecado – que é sempre amor egoísta de si mesmo – Jesus conseguiu alcançar o íntimo do

homem e a gerá-lo à fé em um Deus que ama por primeiro (cf. 1Jo 4, 10-19), um Deus cujo amor nos precede sempre. O que Jesus desperta em quem encontra, não é nada menos do que a possibilidade de acreditar no amor. Eis o fulcro da fé cristã: crer no amor por meio do rosto e da voz deste amor, ou seja, por meio de Jesus Cristo.

### ■ Jesus, a fonte das relações humanas autênticas

As *Linhas Orientadoras da Missão Educativa* no capítulo quarto referente a Jesus como fonte das relações humanas autênticas, orientam a medir-se com Ele. A humanidade de Jesus é o ponto de referência para toda relação interpessoal. N'Ele, de fato, resplendem relações ricas de interioridade, reciprocidade e proximidade que bebem nas fontes da sua filiação divina. A pessoa humana, criada à imagem de Deus, cresce e amadurece em todas as dimensões por meio da experiência relacional. Esta ajuda-a a unificar, em torno de valores importantes, os próprios dinamismos cognitivos, afetivos, motivacionais e sociais.

Cada um pode buscar por meio de diversos caminhos o mistério do seu ser, receberá respostas válidas das diversas ciências porém, parciais, somente Jesus, o Filho de Deus feito homem, possui o segredo último do nosso existir. Somente na sua escola nos é dado penetrar aquele mistério do qual fazemos parte, que projeta a existência humana no plano da comunhão eterna de amor com Deus Trindade.

A apresentação de Jesus testemunha de relações autênticas é a chave do atual modelo pastoral e sua pertinência na situação sociocultural em que nos encontramos.

### ■ O tarefa prioritária

Educar à fé é para a Igreja, para nós, a tarefa primordial. Na tentativa de realizá-la podemos pegar muitos caminhos, alguns deles decididamente errados, outros pouco eficazes. Tudo depende da nossa capacidade de assumir a mesma pedagogia vivida por Jesus nos seus encontros com os homens, as mulheres, os jovens

Também hoje a fé pode ser gerada, despertada, feita emergir por quem, como Jesus, souber encontrar os homens de modo humaníssimo; souber ser uma pessoa confiável, cuja humanidade for confiável; souber

estar presente ao outro e fazer-se próximo; souber, descentralizando-se, apontar para Jesus e, por meio dele, indicar Deus, o Deus que é amor.

Os nossos contemporâneos são sensíveis ao fato de ter ou não ter fé no amor; de acreditar ou não no amor, porque disso depende o sentido dos sentidos da vida.

Ainda hoje muitos nos pedem: «Queremos ver Jesus!» (Jo 12, 21), porque sentem que a Sua humanidade lhes diz respeito, os intriga, os interroga. Mas nós, comunidades educativas, nós Igreja, nós FMA sabemos responder a esta pergunta, a este anseio profundo?

Talvez, nós por primeiro, não saibamos ver Jesus, ou ainda o conheçamos pouco.

### ■ Perguntas impertinentes ou pertinentes?

Nós cristãos sabemos que tudo aquilo que podemos conhecer de Deus, Jesus Cristo já nos relatou?

Sabemos que ninguém agora pode ir a Deus senão por meio d'Ele? (cf. Jo 14, 6)

Se sentimos tanta esterilidade em nosso modo de educar à fé, por que não nos empenharmos, nós por primeiro, em reeducar-nos à fé, por meio do encontro com Jesus?

«Aquilo que Jesus tinha de excepcional não era de ordem religiosa, mas humana» (Joseph Moingt): Ele, a verdadeira «imagem do Deus invisível» (Cl 1, 15), à semelhança do qual fomos criados e nos tornamos homens e mulheres, Ele nos ensinou a viver neste mundo (cf. Tt 2, 12), deixou-nos pegadas humaníssimas sobre as quais caminhar para sermos seus irmãos, irmãs e filhos de Deus..

Devemos tão somente acreditar no amor que Jesus viveu «até o fim», até o extremo (cf. Jo 13, 1). Esta é a nossa fé cristã. Nós cremos?



Ao lado dos últimos, acreditando no amor

No Ceará, um dos Estados mais pobres do Brasil e entre os mais violentos, Ir. Erbania de Souza, responsável pela Caritas diocesana de Crateús, trabalha ao lado dos últimos animada por uma fé inabalável no Evangelho e na capacidade humana de resgatar-se. Tenaz e combativa, desde quando há 17 anos deixou a sua casa para fazer-se religiosa, tem trabalhado sempre pelos direitos dos últimos a começar das mulheres: as prostitutas e as vítimas de abusos, as catadoras que vivem recolhendo lixos, as habitantes das favelas, as agricultoras sem terra e sem meios, as pescadoras privadas de perspectivas econômicas e reconhecimentos profissionais.

Ir. Erbania é formada na escola de pedagogia Paulo Freire e de teologia da libertação, por meio da Caritas promove uma teologia enarnada na qual a dimensão espiritual é inseparável da ação concreta: “A oração é para nós uma exigência cotidiana, em chave contemplativa. Rezar significa contemplar a vida de cada dia procurando lê-la à luz do Evangelho”, explica Ir. Erbania. “O nosso modo de considerar-nos filhas e filhos de Deus nos leva muitas vezes a unir-nos à população na ocupação das terras rurais e urbanas deixadas em abandono, ou tomadas indevidamente pela empresa de minério ou fazendeiros. Iniciativas que muitas vezes custaram agressões e intimidações”. A Caritas no Estado do Ceará, da qual é responsável Ir. Erbania, é organizada em 800 comunicações eclesiais de base que compartilham a leitura crítica da realidade para emancipar a pessoa por meio de uma educação contextualizada, isto é adaptada ao contexto em que vive. “No nosso território – afirma Ir. Erbania – os filhos e as filhas das famílias camponesas são tradicionalmente as mais excluídas da instrução. Por isso há quinze anos ocupamos um terreno para fundar nele uma escola, de modo a poder oferecer a eles uma formação de qualidade sobre as técnicas agroecológicas, à luz das especificidades ambientais e sociais do território semiárido brasileiro.

A escola acolhe 100 meninos e meninas que, segundo a pedagogia da alternância, por 15 dias ao mês seguem as lições teóricas e práticas, enquanto nos outros 15 dias ficam em casa para aplicar nas hortas familiares aquilo que aprenderam.

Os jovens que saem da escola de agroecologia são ajudados a encontrar um emprego e em seguida, sempre em uma lógica de alternância, a frequentar a universidade. Nestes anos as escolas da Caritas de Crateús se tornaram 126 e formaram 17.000 estudantes que puderam “aprender” o respeito à terra e a produção de alimentos saudáveis, sem recorrer aos pesticidas ou a práticas tradicionais de incêndio dos terrenos, e empregando tecnologias idôneas para o armazenamento da água”. Tudo isso na filosofia do Bem viver. O Bem viver toma cuidado da terra e dos seus ritmos: *Protejo, cultivo e cuido de um ambiente onde a vida tem as suas leis e o próprio tempo*. Existe um forte liame entre o Bem viver de cada um e o de todos, em uma perspectiva de promoção da liberdade que se move junto num plano concreto e utópico, e se reconecta às palavras de Jesus: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 1-21). “Estar bem – explica Ir. Erbania – não pode ser um fato só pessoal: não é possível estar bem sem a dimensão comunitária e sem o liame com a terra, sem que estejam bem a natureza e quem a habita. É alguma coisa que em Crateús procuramos realizar também simbolicamente através da *ciranda, uma dança que se faz todos juntos, em círculo*, procurando cada um respeitar os passos do outro e deixando o espaço certo para cada um. O nosso sonho é expandir este canto de roda, para alargar o círculo das possibilidades [...].

EM BUSCA *Horizonte família*

## Quando desponta uma vocação no filho adolescente

Giulia Paola Di Nicola – Attilio Danese  
danesedinicola@prospettivapersona.it

«Quando eu era criança vivia me perguntando: O que farei quando crescer? Que raça de pergunta! Como se alguém nascesse com um bilhete no bolso com as instruções, ou sei lá o que! Não fui eu que decidi nascer, como e onde... Ninguém é responsável da própria vida... E se não existisse nenhuma vida depois da morte? Talvez tivesse sido melhor não ter nascido. E entendo Cláudia que tentou suicidar-se. Respondei-me, eu vos peço, por que tenho uma vontade louca de jogar a minha vida num cestinho?» (Riccardo, de quinze anos, em crise, Avellino em L. Verdone, *As dinâmicas do coração*, Effatá, Turim 2005, pp. 122-123).

Um adolescente não reivindica apenas celular e tênis. Ele precisa de objetivos importantes aos quais dedicar-se (cf. J. Hillman, *O código da alma*, Adelphi, Milão 1998). Ele aspira estar no mundo sentindo-se único e útil, capaz de uma tarefa sua própria, uma “missão” que nenhum outro poderia fazer tão bem. Sem isso, tudo lhe parece ao mesmo tempo consumível e inútil.

Em cada criança que vem ao mundo existe a marca de um DNA, um projeto se desenvolvendo no qual ela se sentirá realizada. A vocação implica este reconhecimento de si como destinatário de uma missão da qual Alguém te acredita capaz, e que corresponde a um talento recebido em favor da humanidade. Alguns tomam consciência desde pequenos, outros na idade adulta e depois de muitas peripécias; pode-se entendê-lo de maneira fulminante (como no chamado de São Paulo), mas na maioria das vezes é descoberto, vivendo. Assim aconteceu, por exemplo, no caso de *Santo Agostinho*. Assim também, no campo laico, para *Ignazio Silone*, em fuga do fascismo e

do comunismo, que depois de uma crise profunda, sente nascer em si a vocação de escritor: «A única coisa que eu queria é ter a saúde física e mental para ir a fundo no meu destino, para escrever e narrar. Não tenho nenhuma outra ambição e nada mais me mantém vivo... Eu gostaria de escapar da propaganda e da agitação, coisas úteis, mas há muita gente que sabe fazer melhor do que eu. Gostaria de dizer duas ou três coisas, antes de morrer, que nenhum outro pode dizer e que o destino me encarregou de dizer» (Coleção Franca Magnani Schivetti, I. Silone, *Carta a G. Seidenfeld*, 6 de novembro, cit. no nosso *Ignazio Silone, Percursos de uma consciência inquieta*, Fundação Silone, Roma 2006). Como fez Cristóvão Colombo para chegar na América com tantas incompreensões, fadigas e humilhações? Como fez Paganini para fazer do som do violino o significado de toda a sua vida? Como pôde Galileu ficar tanto tempo observando o céu sem se cansar? E onde os grandes santos encontraram a força e a luz para fazerem obras magníficas, duradouras, gastando-se sem se poupar? Quando se sente urgir dentro uma vocação, não faltam as forças para realizá-la.

Em toda vocação realiza-se uma magnífica sintonia entre a unificação do eu e o dever para o qual se sente chamado. V. Frankl clarificou a importância que tem qualquer polarização emotiva de sentido, que dê significado à vida. A sua vida foi marcada, por três anos, nos campos de concentração nazistas de cuja experiência resultou o livro *“Um psicólogo nos Campos de concentração”* (Ares, Milão, 2012). Ele constatou que, em situações de desespero, conseguem sobreviver somente aqueles que têm fortes motivações existenciais, precisamente porque a saúde da psiquê está ligada ao senso positivo que cada um atribui à própria existência, e que lhe dá força para suportar as dificuldades e os sofrimentos da vida. Em resposta a Nietzsche (vontade de poder) e a Freud (libido) Frankl conclui: “O desenvolvimento da vontade de prazer e da vontade de poder acontece somente quando é frustrada a vontade de significar”.

Os adolescentes, no curso do seu desenvolvimento, fazem um grande esforço ao buscar entender a sua tarefa ou, como sustenta Jung, ao fazer a síntese do eu orientando-o para uma direção possível e

emocionante. Os pais a respeito disso podem ajudar os filhos a reconhecerem os dotes da natureza, acompanhá-los e valorizá-los. Não deveriam valorizar uma determinada ‘missão’ baseando-se em categorias sociais, como a visibilidade midiática, o prestígio, a remuneração, o sucesso, mas considerá-la única e essencial sem pesar, sem invejar os sucessos dos outros, sem se desanimar diante das fadigas e das renúncias: um filho se casará, se tornará mamãe e papai, um outro não terá filhos ou ficará solteiro, um será senador e outro operário, um professor e outro operador ecológico, um deles se sentirá chamado a consagrar-se ao serviço de Deus e da Igreja como religiosa, sacerdote ou fiel ao serviço das pessoas mais marginalizadas... Outro dedicará a vida toda à pintura, à escrita, à música, à escultura (Michelangelo não havia se casado – dizia – porque “tenho esta arte que para mim é mais do que minha esposa”). Cada vocação pode encher de sentido a vida se vivida no amor e, ao contrário disso, acontecem os vazios existenciais espirituais (*neurose noogene*), cuja ancilose provoca o não-sentido da existência, até o suicídio.

Geralmente, quando os pais descobrem distúrbios nos filhos recorrem ao divã do terapeuta. No entanto o inimigo principal a ser derrotado, causa das depressões e das ações criminais, é a futilidade da vida desperdiçada na ociosidade, na violência, nas dependências da pornografia, das drogas, do álcool... Daqui a importância de propor valores altos que permitam amar a si mesmos como sendo capazes de ações boas e úteis, valorizando o estudo, o trabalho, as amizades: tudo contribui para construir o desígnio precioso de uma vida.

Pode-se errar acerca de alguma vocação. Por isso é importante confrontar-se com pessoas autorizadas e de confiança.

É preciso o tempo necessário para uma escolha ponderada; pode durar alguns meses ou alguns anos. Se se perceber que foi tomado um caminho não adaptado, pode-se esclarecer, mudar e, até mesmo, aproveitar-se da experiência feita. Em todo caso, se um adolescente ajudado por adultos inteligentes, amáveis e discretos, reconhecer a própria vocação, ele tem obrigação interior de fazê-la frutificar, sem ceder às pressões dos amigos e dos pais, pois, somente agindo deste modo poderá viver uma vida plena e feliz.

## A vocação dos meus filhos de Maria Beltrame Quattrocchi

«"Uma quinta-feira de carnaval", depois do almoço, um general amigo de família, que o havia conhecido quando pequeno, dirige de improviso ao meu filho maior, de quinze anos, esta pergunta: "E tu, 'o que pensas fazer? Ser um advogado, um oficial, um médico, um engenheiro?" . Pego de surpresa, enrubescendo responde sem muita convicção, para truncar o argumento: "Vou ser advogado".

000000000000000000

Os meus filhos não eram muito afeitos a cinema ou teatro. Mas, no período do carnaval, não faltavam nunca às representações do teatrinho do Máximo, das quais o feliz jovial barulho permanece ainda uma viva recordação no meu coração.

Eu estou no quarto sozinha. Pronta para sair, vejo chegar o meu filho um pouco comovido – como acontecia cada vez que me abria o seu coração – e diz sem preâmbulos: "Diante daquela pergunta do general eu me embarcei e respondi assim: mas, eu quero ser sacerdote". "Desde quando, meu filho?". "Já faz dois anos". A resposta me comoveu muito, dando-me imediatamente a garantia da veracidade do dom com que Deus beneficiava a minha família. Aos quinze anos, enquanto a vida ferve, enquanto mil luzes atraentes perseguem e pressionam, enquanto o futuro é promissor, por dois anos ele conservou no coração o divino chamado! Eu lhe dei um abraço caloroso... e em seguida, como todos já estavam prontos, fomos para o teatrinho

Fervia fora a algazarra de máscaras, caleidoscópios de costumes, de estrelas correntes e confetes, quadros de avisos dos bailes de máscara e das danças. Estranho contraste entre aquilo que me fervia no coração e que não tinha ainda encontrado o jeito de comunicar ao meu marido, com o externo tributo que o mundo, menos favorecido por Deus, o mundo que quase o ignora, oferece, especialmente naqueles dias, os divertimentos mais ou menos pagãos. Chegando ao teatro de Máximo, enquanto o meu coração batia pela grande notícia, ele entrou com os seus companheiros, com a sua luz escondida na alma, depois que o primeiro raio que brilhou externamente, havia vibrado no coração de sua mãe.

Sacrifício? Renúncia? Imensos, sem dúvida. E diuturnos. Mas também alegria ilimitada, confusão sem medida pela voz de Deus que parecia assim falar substancialmente e sensivelmente gratificando a nossa casa, com o ato de levar para si um seu ministro. Sentia naquele momento, e a partir daquele momento respeitar o meu filho como um eleito de Deus. Egoísmo – diz o mundo – para com a família? Mas, este adolescente que renunciava assim às sirenes da vida; que se dispunha a deixar o calor da família de hoje, e implicitamente renunciava àquela que poderia formar amanhã, tinha por sua mãe esta terna afeição: quando pequenino, mostrava tanta e tão manifesta paixão pela vida do mar, dizendo frequentemente que queria fazer-se oficial da marinha, bastou que uma vez lhe dissesse: "Portanto, ficarás muito tempo longe da mãezinha, por muitos meses seguidos; não te importas?" bastou isso para que a partir daquele dia, não tocasse nunca mais num argumento que pudesse ter relação com tal assunto, e foi como se aquele pensamento não o tivesse absolutamente ocupado. («Caderno» da Revista «O Sulco» (n. 2, 1940), rep. Nel nostro *Uma auréola para dois*, Effatà, Cantalupa, 2005).



## Mulher comunicadora

**Paolo Ondarza**  
Paolo.ondarza@gmail.com

**Uma mulher de caráter forte e de fé inquebrantável, uma luz no caminho da Igreja, no mundo da comunicação social. Quem a conheceu pode se lembrar de Madre Angélica, Fundadora de Ewtn, Eternal World Television Network, o maior network televisivo do mundo, falecida em 27 de março de 2016, no dia da Páscoa.**

Mulher libertada porque enxertada na verdade de Cristo e inclinada à construção da paz, tinha em si todos os traços delineados pelo Papa Francisco na mensagem para a 52ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais. Madre Angélica tinha o desejo de alcançar, com o Evangelho, o maior número possível de pessoas e, a audácia derivada da fé no Deus do impossível, lhe permitiu fazer nascer, com a ajuda da Providência, a partir de uma pequena garagem de Alabama, um polo multimidiático que hoje alcança 264 milhões de casas em 144 Países. Alan Holdren é o responsável de Ewtn Itália que desde 2017 tem sede em Roma, a dois passos do Vaticano.

“No início dos anos 80, explica-nos, Madre Angélica era uma das poucas mulheres a dirigir uma emissora de televisão. Seguramente a única religiosa de clausura! Era absoluta a sua confiança na Providência que sempre guiou toda a sua ação. O seu desejo de servir Cristo e cuidar do seu rebanho levou-a a ser mãe para milhões de pessoas em todo o mundo: eram a sua *família*”.

**Uma Irmã de clausura em saída... sem nunca perder de vista a oração. Podemos definir assim Madre Angélica?**

“Sim, absolutamente. Pediu apenas temporariamente a exclausuração para poder perseguir aquilo que sentia como um chamado de Deus. Em um primeiro momento saiu do convento para encontrar fundos e

procurar sustentadores. Em seguida, quando começou com o seu programa televisivo ao vivo, Madre Angélica saiu metaforicamente do convento por meio da TV para entrar nas casas das pessoas. Um dos seus pontos fortes era a proximidade. O povo a considerava confiável porque a sentia plena de humanidade, sincera e próxima. Conseguia ir além da tela. O arcebispo de Filadélfia, Charles J. Chaput, afirmou: «*Madre Angélica chegou onde os Bispos da nação não chegaram: fundou e desenvolveu uma Rede que atrai os católicos diariamente, compreendendo suas necessidades e nutrindo o seu espírito*»”.

**O que inspirou a vocação e a obra de Madre Angélica?**

“A relação com Cristo, seu Esposo. Nada mais antepôs a Ele, dando tudo de si: desde os primeiros anos como postulante, até os últimos quando é provada pela doença. Diante dos obstáculos que pareciam interpor-se no cumprimento da sua obra, Madre Angélica não se desencorajou, continuou confiando sempre em Deus. Muitos a lembram recolhida em oração enquanto confiava a Cristo cada preocupação. Sabia que a obra que estava realizando pertencia a Ele e Ele cuidava dela. Nunca ficou desapontada”.

**Madre Angélica sempre confiou na Providência. A sua obra foi iniciada com apenas 200 dólares, em 1981, em uma garagem do Alabama. 200 dólares. Ela nos conta a sua história.**

“Rita Rizzo, chamava-se assim, nasceu e cresceu em uma pobre casa no Ohio. Sentiu a vocação religiosa aos 21 anos. Embora sendo de saúde precária, nunca se subtraiu ao desejo de compartilhar Cristo com os mais necessitados. Este sonho a impeliu a entrar com as Clarissas e, em seguida, a abrir um mosteiro no Sul, em Alabama, numa zona prevalentemente habitada por pessoas de confissão evangélica. Foi ali que, com as coirmãs, deu início à sua atividade. Primeiro financiando com a venda de iscas de pesca, produzidas pelas irmãs; depois vendendo amendoim torrado, sempre com a colaboração das clarissas. Mas o “produto” de maior sucesso, que se revelou ser o talento de Madre Angélica, foi comunicar o Evangelho. As religiosas começaram a imprimir os catecismos e a vendê-los, a distribuir livros

com as suas meditações. Numerosos grupos visitavam o mosteiro e logo surgiu na Madre a ideia de criar uma rádio e uma televisão, sob a inspiração de um emissor de outra confissão cristã. Não tendo medo da zombaria, Madre Angélica costumava repetir: *“Ousa ser ridículo e Deus fará o milagre”*. O primeiro estudo televisivo foi criado na garagem do mosteiro. Aqui tudo se iniciou e hoje causa uma certa impressão ver que em torno desse lugar se estende o vasto campus de EWTN Global Catholic Network: são cerca de 500 pessoas empregadas em todo o mundo para produzir material de documentação católica, documentários, programas educativos, talk show e notícias.

***Quais são as lembranças do seu testemunho de alegria no sofrimento e na doença.***

“Quando São João Paulo II encontrou Madre Angélica na Praça de São Pedro para uma audiência geral, ao saudá-la, lhe disse: *«Madre Angélica, fraca no corpo, forte na fé!»*. Madre Angélica nunca se poupou, sabia que para cada doença sofrida, Deus lhe daria em troca grandes dons. Quando via que as coisas iam mal, paradoxalmente sabia que algo de grande estava para acontecer. Não por acaso, o maior desenvolvimento de EWTN registrou-se na última década da sua vida, quando um AVC a privou da capacidade de caminhar e de falar.

***Madre Angélica abriu em Roma, a dois passos do Vaticano, a sede de Ewtn. Alan Holdren como vive esta responsabilidade?***

“O nascimento da sede romana de Ewtn era um sonho de velha data de Madre Angélica. São tantas as pessoas extraordinárias e extremamente empenhadas em levar adiante este escritório. O meu trabalho é apenas uma peça do quebra-cabeça. Juntos procuramos construir uma obra digna da herança da Madre e do plano de Cristo. Hoje há mais de vinte pessoas que colaboram com EWTN em Roma. Produzimos conteúdos escritos e audiovisivos em quatro línguas. O Escritório de Roma é um quartel general para a Agência de Imprensa Italiana *ACI Imprensa*, é um ponto de referência para os correspondentes ingleses e espanhóis de Ewtn. Estamos procurando manter o passo com a mídia social, sem transcurar a programação radiofônica amplamente difundida por EWTN, fornecendo comentários, ao vivo,

para os eventos papais. O trabalho é grande, mas a exemplo de Madre Angélica sabemos que a chave para se chegar com sucesso é trabalhar junto com pessoas que se unem pelo desejo comum de compartilhar, com o mundo, a Palavra de Deus. Nossa responsabilidade é cultivar uma relação pessoal com Cristo. De fato, não podemos compartilhar algo que não conhecemos. Vivo esta responsabilidade procurando participar constantemente dos Sacramentos e manter uma constante vida de oração.

***Levar o Evangelho e a mensagem do Papa ao mundo, é o desafio de Madre Angélica, muito atual hoje. Quais são os frutos que continuais a recolher?***

“Recebemos muitos testemunhos de pessoas que, a cada dia, nos agradecem pelo que fazemos, e nos confidenciam que EWTN os tem ajudado a mudar de vida. As pessoas têm sede da verdade. Se formos capazes de mostrá-la sobretudo por meio da produção de notícias, oferecendo às pessoas uma imagem clara daquilo que está acontecendo, e fornecendo os instrumentos para interpretar os fatos numa perspectiva claramente católica, isto quer dizer que somos fiéis à herança de Madre Angélica”.

***Em uma época de crise da informação e das Fake News, o que diz o testemunho de Madre Angélica?***

“Madre Angélica era totalmente incapaz de mistificar a realidade. Era honesta, transparente, sincera. Eu a definirei: caridosamente diretiva. Isso tornou a sua mensagem confiável. Na sua seguidíssima transmissão ao vivo, se um anfitrião dizia alguma coisa de errado ou falso sobre os ensinamentos de Cristo e da Igreja, ela interrompia a direta e, fora das ondas, convidava o seu interlocutor a repensar e a corrigir-se, mas se persistisse no erro, o exortava a deixar o estúdio. Penso que hoje Madre Angélica veria a criação e a proliferação de notícias falsas como um mal. Elas são, de fato, um meio que alimenta a confusão. São anticatólicas por definição”.



## Singular experiência na ONU

Chiara Genisio

**«Diante das situações de injustiça, de abusos, de violação dos direitos, não poderíamos ficar olhando. Deveríamos estar, de modo propositivo, no lugar onde se decidem as políticas para os jovens».**

Ir. Maria Graça Caputo, uma mulher que não tem medo de perder a própria identidade, «posso ter o medo de ofender, mas não temo o confronto com os demais porque tenho uma identidade da qual me orgulho muito: sou filha de Deus, sou salesiana de Dom Bosco». Com uma experiência de mais de quarenta anos no campo educacional, do empenho no Escotismo ao ensino na Universidade de Roma. É autora de numerosos textos sobre didática e sobre a educação. Desde 2008 é Diretora e representante permanente do *Escritório dos Direitos Humanos do Instituto internacional Maria Auxiliadora (IIMA)* na ONU que contribui ao trabalho do Conselho dos direitos humanos, em Genebra.

O escritório representa também o Vides Internacional nas Nações Unidas, Ong da qual Ir. Caputo foi fundadora e diretora geral por vinte anos, trabalhando para promover o voluntariado, o protagonismo juvenil e a cooperação ao desenvolvimento internacional.

Mediante o Escritório dos direitos humanos de IIMA e em colaboração com o Vides Internacional, Ir. Maria Grazia organizou cursos de formação para centenas de educadores procedentes da África, Ásia, América e Europa, preparando e participando de numerosos *Side Events* durante as sessões do Conselho dos direitos humanos.

Prefere relatar o seu empenho cotidiano na ONU com os rostos de 96 jovens, de 16 Países do mundo que realizaram, nesses 10 anos, um estágio no escritório que dirige. «Quando podemos intervir durante os *Side*

*Events* são eles que falam em nome do Instituto das *Filhas de Maria Auxiliadora*, é o rosto dos jovens que se apresenta», relata Ir. Caputo. Somente depois de uma formação atenta e pontual que se desenvolve, não unicamente durante o horário do escritório, mas também nos momentos de convivência. Os jovens estagiários vivem realmente com a pequena comunidade salesiana em Veyrier – Genebra. A convivência ajuda a fazer conhecer e a transmitir os valores das Filhas de Dom Bosco aos jovens.

***Não somente denúncia sobre violação dos direitos, mas também 'boas práticas'.***

«Quando cheguei em Genebra – lembra Ir. Maria Grazia – passei o primeiro ano escutando, aprendendo a linguagem, descobrindo as modalidades de intervenção. Estudei muito. Eu me perguntava qual podia ser o nosso papel de irmãs salesianas, naquele contexto. Eu notei que não havia uma atenção específica aos jovens. E nisto nós nos empenhamos». Com uma ação diferente em comparação a outras Ongs e Instituições: com um empenho escandido da denúncia positiva.

«Além da denúncia das situações de violação e falta de respeito aos direitos, propomos a experiência de boas práticas. Procuramos oferecer boas soluções. Lembramos aos Governos aquilo que haviam se empenhado em respeitar, ilustramos boas praxes. Podemos fazer assim porque temos muitas irmãs no campo, muitas ex-alunas e ex-alunos salesianos, que nos relatam a realidade em que vivem. Fomos nós, como Escritório, que colocamos por primeiro, o acento sobre as crianças de rua».

Ir. Caputo sempre sentiu a exigência de promover as energias que há nos jovens, «em particular – sublinha – incomoda-me que se utilizem os jovens para as manifestações, como se fossem revolucionários mas, nem sempre se acredita em toda a potencialidade que têm, para construir. Parece que os jovens servem apenas para demolir. Quando eu me encontrava com grupos de jovens na Serra Leoa, na América Latina, na Europa, perguntava-lhes o que esperavam das instituições, (família, Igreja, governo, escola) e a resposta era sempre a mesma: desejamos que nos interpelem e tenham presente as nossas opiniões. Este foi o

motivo pelo qual senti necessidade de que na agenda das Nações Unidas se revelasse a voz 'jovem'. O meu sonho é que às vozes das *crianças* e das *mulheres* se adicionem a dos *jovens*».

Um sonho que está se tornando realidade. Passo a passo com o empenho da equipe guiada por Ir. Caputo. Um exemplo é o *Side Events* sobre a “*moças sem nome*”.

**No Escritório dos Direitos Humanos os jovens são ativos e protagonistas.**

«Daremos voz às boas praxes, ao que se está fazendo para ajudar estas jovens a recuperar seu nome, sua identidade. Vamos considerar o Benin, algumas zonas da Índia e Serra Leoa.

Com Ir. Caputo no escritório, trabalham também a salesiana Sarh Bawagan Garcia e a colaboradora Maria D'Onofrio como *Advocacy Officer*. Mas, sobretudo os estagiários. Hoje estão Mariko que chegou do Japão, Diana proveniente de Moscou e Giuditta de Bolonha. Outros cinco chegarão em setembro. Ficam de três a seis meses. Vivem uma experiência única. Confirma-o uma delas, Giuditta Gualandi, 26 anos, laureada em Jurisprudência: «Seguimos os trabalhos dos diversos comitês, escrevemos reportagens para serem publicadas no site e que são enviadas às irmãs do campo, de modo que possam saber em quais ambientes os vários governos se empenham, em Genebra. A primeira parte do meu estágio foi ocupado pela formação e nos explicaram passo a passo como funciona. Impulsionaram-nos a expor-nos, aqui os jovens são atores protagonistas. Quando participamos, nós o fazemos em nome do Instituto e do Vides; no começo pode assustar, mas é precisamente isso que quero fazer. Aqui eu amadureci». (cf. *Vida Pastoral*, agosto-setembro, 2018)



**Escritório dos direitos humanos, em Genebra**

O Escritório dos Direitos Humanos (<http://iimageneva.org/>) representa o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e o VIDES nas Nações Unidas de Genebra. Criado em junho de 2007 para pôr em ação as linhas orientadoras do Capítulos Gerais XX, XXI, XXII, em particular a escolha de estar presentes, com audácia, lá onde se decide dos jovens e da vida para conjugar o Evangelho com a história, a busca de canais que promovam o reconhecimento dos direitos da pessoa (Capítulo Geral XX), a exigência de defender os direitos de todos, especialmente dos jovens e dos mais frágeis, valorizando o diálogo e as possibilidades de convivência entre as diversas culturas, os grupos étnicos e AA confissões religiosas (Capítulo Geral XXI), a redescoberta da audácia missionária do 'Da mihi animas' e o convite a testemunhar o amor proveniente de Deus em fronteiras sempre mais novas (Capítulo Geral XXII).

Em junho de 2008 as Nações Unidas reconhecem o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (IIMA) como uma Associação com Estatuto Consultivo para questões relativas a temas educativos, com a responsabilidade de estar presente e ter voz tanto em Genebra como em Nova York nas sessões do Conselho dos Direitos Humanos.

O Instituto escolhe Genebra (Suíça) como sede em que operar por causa de todos os organismos das Nações Unidas que se ocupam dos direitos humanos presentes na cidade, em particular o Conselho dos Direitos Humanos e os Órgãos dos tratados. A presença em Veyrier-Genebra de uma casa das Filhas de Maria Auxiliadora *La Salésienne*, com uma comunidade operante na escola internacional, facilita a inserção do Escritório por meio de uma convenção com a Inspeção Lombarda (ILO) e a Associação *La Salésienne* que gerencia obra homônima.

A identidade do Escritório dos Direitos Humanos traduz a missão do Instituto das FMA: visão educativa promovendo na juventude, sobretudo em situações de desconforto, todas as potencialidades com o empenho de defender os direitos à educação, base para o acesso aos direitos fundamentais. Em colaboração com o VIDES (Voluntariado Internacional Mulher Educação Desenvolvimento) realizam-se ações que fazem conhecer a obra do Instituto das FMA e do VIDES.

O Escritório desenvolve a sua atividade de promoção e defesa do direito à educação segundo o carisma salesiano por meio das ações de:

- Advocacy e Lobbying
- Formação
- Comunicação e Informação
- Participação e Networking

# Os sonhos dos jovens

■ **Gabriella Imperatore, FMA**  
gimperatore@cgfma.org

**«Querido Papa Francisco, sou Letícia, tenho 23 anos e sou universitária. Gostaria de dizer-lhe uma palavra a respeito dos nossos sonhos e de como vemos o futuro».**

O que sonhavas quando eras jovem? Se penso nos meus companheiros de classe e nos seus sonhos, lembro que havia quem queria tornar-se médico, professor-pesquisador, dedicar-se aos outros, quem sonhava tornar-se um famoso jogador de futebol, quem tornar-se uma bailarina.

Havia os sonhos pequenos e os grandes. Passar uma tarefa na classe, ter aquele par de sapatos à moda, ou ter as atenções do primeiro amor. Os sonhos são poderosos. Eles nos impelem a dar o máximo para alcançarmos os nossos objetivos, a fazer sacrifícios e nos tornar as pessoas que queremos ser. Sem os sonhos que tinha como adolescente, hoje eu seria uma pessoa diferente, e acredito que tu possas dizer a mesma coisa.

Os sonhos grandes incluem, envolvem, são extrovertidos, compartilham, geram nova vida. **Os sonhos dos jovens são os mais importantes de todos.** Um jovem que não sabe sonhar é um jovem anestesiado; não poderá entender a vida, a força da vida. Os sonhos te despertam, te levam até lá, são as estrelas mais luminosas, as que indicam um caminho diferente para a humanidade

**Cultivar o coração para escolher o próprio caminho de felicidade, significa tornar a voar alto, para dar espaço aos nossos sonhos mais belos e apaixonados.**

## ■ Para a vida dos outros

«Quem se deixa levar pela inspiração autêntica, de sonhos aparentemente impossíveis, de uma causa, um credo, um ideal, facilmente encontra outros sonhadores e sonhadoras que compartilham o sonho e desejam participar da sua realização; o importante, para eles, não é planificar no imediato, mas deixar que o sonho os mova para o impossível!» (Atos do Capítulo Geral XXIII, 53).

Durante a reunião do pré-Sínodo, entrevistando alguns jovens participantes, emergiram algumas paravras-chave: paz, integração, igualdade, voluntariado. Os desejos dos jovens são uma fotografia das feridas da terra. Os jovens sonham sim, e sonham sobretudo um mundo melhor.

Entre estes jovens há também os que têm a coragem de falar de si, como a jovem espanhola que quer ter ao menos oito filhos; os australianos, os americanos, os portugueses falam de Deus com uma desenvoltura de outros tempos: «Sonho compartilhar a minha fé», «Viver a minha vida para os outros», «Ir para o céu», «Ser santo».

Os jovens italianos, reunidos em Roma no dia 11 de agosto de 2018, por ocasião do Sínodo de outubro, se dizem concretos e há quem sonha ser professor e ter uma família. Há quem espera a formatura e se empenha para tornar-se um profissional independente. Para os jovens do Sul, da Sardenha à Calábria, há uma só oração: trabalho. Encontrar imediatamente trabalho.

Um jovem que sonha tornar-se mestre, para o testemunho que muda os corações. Os sonhos – disse o Papa – não se compram: *“são um dom, um dom que Deus semeia nos vossos corações. Eles nos são dados gratuitamente, para que sejam oferecidos gratuitamente aos outros”*.

O convite do Papa aos jovens foi um grito a não ter medo e a colocar-se no caminho dos próprios sonhos, como peregrinos. A vida não é um jogo: faz-se, arrisca-se.

**Jovens... sejam peregrinos na estrada dos seus sonhos (Papa Francisco)**

## ■ A caminho com os jovens

«Em uma cultura que põe em discussão as instituições, na qual a própria autoridade fadiga para expressar o seu papel de modo eficaz e atraente, advertimos [...] a exigência de formar-nos a uma liderança adequada aos

tempos, para um estilo de animação e governo que seja autorizado pela coerência entre palavras e gestos, que facilite o envolvimento, a obediência de toda ao projeto de Deus, e a corresponsabilidade na missão» (Atos do Capítulo Geral XXIII, nº 31).

Muitos jovens não sabem responder à pergunta: “Qual é o sentido da tua vida?”. Nem sempre conseguem ligar a vida com o sentido do transcendente e não sabem como envolver-se neste processo de discernimento, por isso pedem pessoas ao seu lado, e não belos projetos, estratégias, instrumentos ou métodos pastorais: os jovens querem construir a vida caminhando juntos. Os adultos confiáveis estão dispostos a gastar tempo com eles, oferecendo escuta e sinais de confiança. É este um forte apelo à família, à escola, à universidade, à Igreja. A atitude para com os adultos, hoje, mudou. Os membros da geração atual a ‘revolução’ querem fazê-la com os seus pais, com os professores, os padres e irmãs, com os doadores de trabalho, não contra eles. *Umberto Galiberti* escreve: O que pedem os jovens «são professores motivados e carismáticos, porque se aprende por fascinação». E aos adultos dizem: «Não vos detestamos, antes, nós vos somos agradecidos se nos puderdes ajudar a realizar aquilo que queremos nos tornar, porque também nós temos um sonho e não queremos vê-lo apagar-se, como se apagam as estrelas cadentes».

Os jovens pedem, em geral, pontos de referência “apaixonados e solidários”, e o testemunho autêntico de uma Igreja “que nos acompanhe e nos escute”.

#### O sonho de três estudantes napolitanos.

«Iremos à lua com uma latinha”. No departamento de engenharia da Universidade *Federico II* de Nápoles os chamam “os jovens da lua”. *Matias*, *Altea* e *Dario* (respectivamente 16, 19 e 22 anos) formaram um time interdisciplinar chamado “Space4life” unindo as suas paixões - aeronáutica, biologia e engenharia - e sem nenhuma retórica mas com um objetivo preciso: fornecer a tecnologia que falta ao homem para colonizar o espaço, até Marte. Inventaram um protótipo de escudo contra raios cósmicos que utiliza as bactérias “extremofili” (resistem a condições extremas) para absorver as radiações e proteger os astronautas. Participaram de um concurso inter-nacional na Índia onde a sua “simples” invenção competiu junto com muitos projetos faraônicos de outros Países e... venceram! A vitória foi possível graças à constância, à criatividade e à tenacidade desses jovens.(...) «Esperamos que o nosso sucesso mostre a todos os jovens que, com empenho pode-se obter grandes resultados” (*Altea*). OS JOVENS SÃO SONHADORES, VIVOS, CORAJOSOS, EMPENHADOS.

EM BUSCA *Polifonia*

## Sorrir, sonhar, olhar para o futuro...

**Pela Equipe da Redação**  
editor@rvistadma.org

**«A vida não é outra coisa senão a realização do sonho da juventude» afirmava o Papa João XXIII. A nossa vida requer um objetivo, uma finalidade, uma meta, uma vocação para a qual viver. Acredito que o sonho seja aquele “desejo forte” de realizar algo de grande, de importante e de belo que te mova, te impulse a agir e que dá sentido à tua vida.**

É bonito encontrar jovens que sorriem, que sonham, que olham para o futuro com esperança. Para se construir uma sociedade alternativa e diferente é preciso primeiro sonhá-la. Só quem sonha é capaz de ver além do que se tem hoje, de ir além da desilusão que leva a perguntar-se se ainda tem sentido empenhar-se, se “vale a pena pois, não mudará nada”. Reencontremos aquele *sonho que dá energia aos nossos passos*, aquele “*fio condutor*” que une as escolhas dos jovens.

### ■ O sonho que impele a buscar

A **felicidade**, o sentido da vida, algo pelo qual valha a pena viver, um sonho “grande” e bonito que nos impulse a procurar algo fora de nós, algo que nos realize.

«Às vezes não sei se a rota para o meu sonho esteja certa; quero ter certezas, saber como irá terminar, em suma, com frequência convive no meu coração o desejo de lançar-me em coisas novas e grandes ideais; ao mesmo tempo quero já saber, desde a partida, como me mudarão, aonde me levarão. Todos os empenhos *para a vida* me dão medo. Medo de mim mesma, das minhas fraquezas; o medo de não conseguire e da mutabilidade» (*Paola*).

Sonhar comporta a decisão de partir, de pôr-se a caminho, de deixar a própria “nor-

malidade” para enfrentar algo que, porém, ainda não se conhece bem, e do qual se percebe a importância, e pelo qual vale a pena arriscar. “*Aquele que começou em vós esta obra a levará a bom termo*” (Fl 1, 6).

**Não tenhais medo do futuro!** “*Em Cristo vós podeis acreditar no futuro, mesmo se não possais distinguir os contornos. Vós podeis confiar-vos ao Senhor do futuro e, assim, superar a vossa falta de coragem diante da grandeza da tarefa e do preço a pagar*”. (João Paulo II, Mensagem para a XVIII Jornada Mundial da Paz).

**A verdadeira felicidade está em apreciar as pequenas coisas da vida cotidiana.**

### ■ Sonhadores entusiasmados

Muitas vezes a lógica do proveito, o Deus-mercado, os professores e os doadores de trabalho querem fazer crer que os jovens não têm competência, que são incapazes de assumir um empenho duradouro em âmbito religioso, social, político e familiar.

«Nós sabemos que nem sempre estamos à altura das exigências da vida, porém acreditamos muitíssimo no “*reino da possibilidade*” e na capacidade de mudar as coisas. Porém, é de fundamental importância cuidar do sonho da nossa vida, estabelecer metas “ambiciosas”, dedicar-nos a um ideal, e não ficar “em terra” incapazes de levantar voo. Nunca devemos resignar-nos ou renunciar ao sonho que orienta a nossa vida» (Jacob).

No entanto, os jovens são, por natureza, *sonhadores, entusiasmados, corajosos*. O Papa Francisco sempre os olha com um olhar positivo, confia neles e aponta mais para o coração do que para os comportamentos externos. O seu encontro com os jovens é sempre humano e humanizante. Como especialista em «cultura do encontro» ele comunica aos jovens uma mensagem-chave que solicita criar pontes, tecer relações, pedir ao outro o diálogo com delicadeza, disponibilidade e abertura, para entrar em sintonia e confiança recíproca.

Infundamos confiança para que os jovens tenham ainda e sempre um sonho a ser realizado, e o desejo de aprender. «*Não deixeis que vos roubem o desejo de construir em vossa vida, coisas grandes e sólidas! É*

*isso que vos leva avante. Não vos contenteis com metas pequenas!*» (Papa Francisco).

**“Se tens um sonho, debes protegê-lo”**

### ■ Os Jovens e o trabalho: entre sonhos e esperanças

Como o jovem consegue construir a carreira dos seus sonhos? A realidade, em que este sonho se realiza, é de jovens muitas vezes privados de direitos, de um futuro de trabalho: “Desocupação, trabalho negro, precariedade, falta de conciliação trabalho-família, fuga de cérebros: são os aspectos atuais da emergência ocupacional” (CEI). «Não obstante a láurea, para grande parte dos jovens, a caça ao trabalho dos nossos sonhos é uma tarefa que pode causar muita ansiedade. Às vezes corremos o risco de cair no desânimo ou parar de procurar o sonho que orienta a nossa vida, mas depois, um belo dia sopra o Espírito e reaparece a estrela, e aquilo que desejavas, torna-se realidade» (Myriam).

A estes jovens, às vezes desanimados porque a sociedade não sabe dar-lhes um futuro, o Papa Francisco pede para se tornarem, eles próprios, *artesãos do futuro*, protagonistas do seu caminho, precisamente porque além da necessidade imediata de trabalho e de realização pessoal, eles têm a sede da verdade, são buscadores da beleza e apaixonados pela vida. (...).

Os jovens são dinâmicos, criativos, prontos a gastar-se e a não deixar escapar as novas oportunidades de vida e de trabalho, mesmo se exigirem uma mudança do lugar de origem; são jovens resilientes, capazes de repensar e readaptar-se em termos qualitativos, com competência e potencialidade, não só técnicas, mas também do tipo organizativo, emocional e relacional.

«*Uma coisa gostaria de vos dizer. É uma coisa especial para quem é sensível às coisas belas. Vós tendes um sonho. Tendes um belo sonho. Persegui somente um sonho. O sonho de toda a vida. A vida que é um sonho é alegre. Uma vida que persegue um sonho se renova dia por dia. Seja o vosso, um sonho que vise a tornar alegres não somente todas as pessoas, mas também os seus descendentes. É belo sonhar de fazer feliz toda a humanidade. Não é impossível...*» (Pe. Ezequiel Ramin, (missionário).

Há futuro para os jovens, há sempre,  
se com o sonhar os jovens aprendem a  
conjugiar o agir.

«Se vos dais ao fazer, se vos considerais bons e honestos cidadãos do mundo. Amai-o, mesmo com todas as suas contradições, e alargai os limites dos vossos horizontes, olhai o que existe para além dos tapumes das vossas visões. Decidi, escolhei, podeis conhecer pessoas e inundar a mente de ideias, perspectivas e possibilidades novas. Podeis entender que, não obstante aquilo que vos estão contando, vós tendes muito mais razões para construir um futuro melhor. A diferença está no sonhar para agir, somente assim os vossos sonhos se tornarão realidade. Aliai-vos».

COMUNICAR

## Eu também estou!

**Elisa Molinare, FMA**

elisamolinare@yahoo.it

**Depois foi olhar-se no espelho e lhe pareceu ser outro. Não viu mais refletida a única imagem da marionete de madeira, mas viu a imagem viva e inteligente de um menino com cabelos castanhos, de olhos azuis e com um ar alegre e festivo como uma páscoa de rosas** (Carlo Collodi, *A aventura de Pinóquio. História de um fantoche*. Florença, 1883).

Quem de nós na sua infância não leu *Pinóquio* e não exultou pela conclusão em que finalmente o fantoche de madeira se torna “um menino verdadeiro”? Quantas Peripécias, porém, para alcançar a meta tão esperada de uma corporeidade, poderíamos quase dizer “ganha” com a ajuda de um Grilo Falante, de uma Fada e, sobretudo de um pobre pai que nunca perdera as esperanças!

Assim quereríamos que os nossos adolescentes, nesta idade tão delicada, se vissem como nós os vemos: belos, com os olhos luminosos, com aquele estar sempre em movimento que nos dá as energias de

Geppetto para defendê-los e acompanhá-los na tarefa evolutiva que os espera. **O corpo: algo de verdadeiramente próprio que diz, como ensina Heidegger, o meu “estar” no mundo. Que diz aos pais e aos educadores: “Vejam, estou crescendo, estou grande, não sou mais uma criança, vocês não me conhecem de verdade”.** Que diz aos amigos: “Eu também estou! sou um tipo original, não me excluam do grupo”

### ■ Um corpo (tecno) mediado

O *Instrumentum laboris* do Sínodo sobre os jovens exprime-se assim: “Desde sempre o corpo, fronteira e interceptação entre natureza e cultura, assinala e protege o sentido do limite criatural e é dom a ser acolhido com alegria e gratidão” (nº 53).

O confronto com o espelho, porém, foi desde sempre para um adolescente, uma espécie de exame de adequação que decretará se o próprio físico é digno de ser levado fora de casa. Até aqui nada de novo: gerações e gerações de mães viram as portas do banheiro fechadas, por horas, para seus filhos refazerem a própria aparência e mudar, tão repentinos quanto discutíveis, o modo de se vestir

É o contexto que muda: em uma realidade que – queiramos ou não – é sempre mais tecnomidiática, porque a mídia reveste tudo, tornando-se uma espécie de “pele do mundo” (cf. F. Certetti, M. Padula, *Humanidade midiática* Edições ETS – 2016) – a pele em que se sentem bem os nossos jovens, porque nasceram ali – pode-se também decidir de levar fora de casa o próprio corpo de um modo alternativo, ou... ficando fechado no próprio quarto!

Se permanecer inalterada **a necessidade de se mostrar, de ser reconhecido pelo grupo, de comunicar e de se comunicar**, mudam as modalidades expressivas que permitem sair em público, ou seja, “publicar” alguma coisa, de modo estudado, escolhendo o melhor disparo talvez retocado por algum filtro, sem necessariamente dizer toda a verdade de si mesmo.

O relacionamento mediado pela tela às vezes, porém, revela um desconforto que diz respeito ao corpo, porque constitui uma espécie de subterfúgio pelo juízo lapidário dos coetâneos e pelo confronto com as expectativas do mundo adulto. Um desconforto que se manifesta, de modo mais evidente e preocupante, nos fenômenos já conhecidos do *sexting*, isto é, na exibição

ostensiva nos canais sociais de seu corpo despido ou com roupas íntimas, que pode levar à perda de controle da própria imagem, até incorrer em graves riscos. Um outro fenômeno é o *cyberbullismo*, onde o objeto da atenção não é o próprio corpo, mas o de uma vítima mais fraca que se torna alvo de prepotência, revelando na realidade a fragilidade da identidade de quem não acha outro modo de afirmar-se a não ser escarnecendo e agredindo com insultos e ameaças.

Hoje em dia é muito comum, além do mais, a *dependência* da rede, que pode constituir um bom refúgio quando há a dificuldade de aceitar as mudanças do próprio corpo, de construir-se uma personalidade e de assumir o próprio papel na família e no grupo. A respeito disso, o *instrumentum laboris* do Sínodo reporta: “A rede representa também um território de solidão, manipulação, exploração e violência, até o caso extremo do “dark web”. Os jovens estão cientes da presença dos riscos: a ambiguidade da tecnologia torna-se evidente quando favorece o desenvolvimento de alguns vícios. Este perigo manifesta-se em formas de isolamento, preguiça, desolação e tédio. É evidente que os jovens de todo o mundo consomem os produtos multimidiáticos de modo obsessivo”. (nº 35).

### ■ A irresistível influência de Lucignolo

A Web exerce sobre os adolescentes e os jovens uma irresistível atração, um porto de desembarque no qual cultivar “barato” os sonhos que parecem impossíveis, nem sempre expimíveis em alta voz, muito menos aos próprios pais. O psicoterapeuta Mateus Lancini no seu livro “Adolescentes navegados” ajuda-nos a entender melhor: “A rede permite anestesiar experiências vividas de tristeza e de solidão, deixando em *standy-by*, em uma espécie de incubadora psíquica virtual, os projetos futuros, sem renunciá-los definitivamente, na esperança de que um dia possam ser realizados”.

No entanto, alguém conseguiu realizá-los: são os **influencer**, que se tornaram ricos, famosos e populares na aparência, sem nenhum esforço e empenho. Por meio dos próprios vídeos e postagens, conseguem transmitir aos *followers*, ou ao afeiçoado séquito, a própria autenticidade e credibilidade, até influenciar as suas escolhas. **Em quem os segue gera-se um senso de**

**confiança que leva a anular as distâncias e a senti-las como presenças amigas, dignas de grande estima e de confiança.**

Com frequência, ainda adolescentes alguns são *youtuber* ou rostos já conhecidos na pequena tela, mas na grande maioria dos casos são pessoas normalíssimas que graças à sua capacidade empática souberam conquistar para si os *like* e a atenção, construindo um público ao qual interessa tudo aquilo que fazem e dizem; mas também, e sobretudo, consomem e endossam, identificando-os como verdadeiros e próprios pontos de referência para as modas e os comportamentos indispensáveis para serem aceitos e reconhecidos socialmente. O desejo maior dos *followers* é o de seguir o seu mesmo percurso que leve à visibilidade e ao sucesso, indicadores determinantes precisamente para quem, nas relações cotidianas, esteja em contínua busca da aprovação dos outros. É inútil dizer que, por trás dos *influencer*, existem as estratégias de marketing das mais importantes marcas que impulsionam a venda dos seus produtos, além de difundir modelos e comportamentos, às vezes, moralmente discutíveis.

### ■ Uma proposta: a dieta midiática

Conscientes de que “empanturrar-se da web” é sempre mais frequente, também no mundo adulto, e que proibir o acesso aos instrumentos digitais muitas vezes surte o efeito oposto de raiva, frustração e transgressão, propomos uma “dieta” que consiste no uso inteligente dos meios e em valorizar o tempo transcorrido conectados. O conceito de **dieta midiática**, sugerido pelo psicólogo francês Serge Tisseron no livro “3-6-9-12 Tornar-se grandes na época das telas digitais”, sugere ajudar a buscar desde pequenos o próprio peso-forma a respeito da tecnologia, sem idealizá-la nem demonizá-la, e desfrutando as virtudes do meio. Pier Cesare Rivoltella, pedagogo e diretor do Centro de Busca sobre a Educação à Mídia, à informação e à Tecnologia (CREMIT), da Universidade Católica de Milão, ilustra seus princípios: “A **educação digital** baseia-se em **3A**: **autorregulação**, **alternância** e **acompanhamento**. **Autorregulação**, porque não se trata de proteger dos riscos, mas de fornecer os instrumentos para poder escolher de modo equilibrado; **alternância** porque a lógica não é a da substituição mas a da alternância, a necessidade de uma mediação

adulta segura e autorizada para impostar uma “dieta” equilibrada da mídia; **acompanhamento** que responsabiliza o adulto porque leva tempo, paciência, capacidade de leitura dos fenômenos e disponibilidade para ajudar, crescendo juntos”.

### ■ Seja honesto... para o bem

“Como eu era engraçado quando era fanfoche! E como agora estou contente de ter-me tornado um rapazinho honesto!”. Franco Nembrini comenta assim a última frase do grande relato do qual partimos:

“*Todo o suco da história está nesta palavra: descobrir que se é feito “para o bem”. ou seja, para a verdade, para a beleza, para querer o bem para si, para os outros, para o mundo, e descobrir que isso é possível, isto é, que é possível sentir tudo grande, tudo positivo, de querer o bem para si. É este o desafio que Pinóquio nos lança*”. O corpo, como custódia do bem e revelador do belo que temos dentro, vive imerso na grande rede, não lugar no qual “sentir-se grandes”, mas no qual viver “como grandes”, desfrutando todas as potencialidades para comunicar e para comunicar-se.

---

COMUNICAR *Cinema*

## **Coco** de Lee Unkrich

### ■ Pela Equipe da Redação

**Coco é um longametragem de animação que celebra a tradição mexicana, a essência da música, a importância da lembrança e do amor familiar. É, sobretudo, uma viagem que quer abater o invisível muro que separa os vivos dos mortos, dando-nos a esperança e também a fé, para que as pessoas que já se foram e que amamos, continuem a ficar ao nosso lado, mesmo permanecendo na invisibilidade.**

No **Dia dos mortos**, o dia da festa dos mortos, segundo a tradição mexicana, as

almas dos mortos atravessam os confins que separam o paraíso da terra dos mortais e podem, por um dia somente, encontrar os próprios entes queridos, os quais lhes oferecerão dons a serem levados consigo no retorno ao além. O protagonista *Miguel* é um rapazinho que tem o seu único apoio em uma avó anciã, embora passivo. No centro do discurso não existe somente a tentativa de reapropriar-se da própria vida e de dirigir a atenção ao sentido profundo da morte. Para contar as memórias e lembranças e para tomar forma coloridíssima, inovadora e surpreendente, não é a mente de um personagem, mas um além-túmulo pirotécnico e psicodélico, e, sobretudo, filosófico.

### ■ Uma festa de cores e música para celebrar a vida

*Coco* é um filme comovente e intenso. A história de *Coco* é como uma corda esticada entre o mundo dos vivos e o dos mortos, entre a importância dos liames de sangue e a sua herança, e a urgência de não permanecer esmagados; entre a história de *Miguel*, de doze anos, que sonha tornar-se músico em uma família onde a música foi banida, e a de Hector, espírito do além-túmulo que arrisca desvanecer para sempre, no nada, porque ninguém se lembra mais dele, e talvez, nem mesmo sua filha.

*Coco* fala da importância da memória, da lembrança, das raízes, da pertença a uma história compartilhada, da possibilidade de conciliar as paixões do indivíduo e as exigências de um grupo, do respeito pelos liames familiares e pela tradição. Fala de como *tradição* e *progresso* possam sustentar-se um ao outro. Duas pilastras para uma corda esticada sobre a qual caminhar, mantendo-se em equilíbrio, como por magia: graças à força de um amor e de uma empatia, sentimentos puros e espontâneos que seria necessário aprender novamente a experimentar, sem muitas mediações.

*Coco é uma viagem colorida e comovente por meio das nossas raízes mais profundas, indispensáveis para entender quem somos realmente, e ir ao encaixe dos nossos sonhos.*

Miguel não quer dependurar ao prego a guitarra e fazer-se enterrar com choro e lamento: tendo roubado uma guitarra de uma tumba, inscreve-se no concurso musical que acontece todo ano no dia dos Mortos, e se encontra catapultado no reino dos mortos

que é, inesperadamente, coloridíssimo e repleto de música. Para voltar entre os vivos o jovem deve ter uma bênção e para obtê-la ele se faz ajudar por Hector.

### ■ Lembra-te de lembrar

Em uma sociedade que nega a ideia do passar do tempo, cristalizando uma imagem graças a celulares que capturam cada momento da nossa vida transformando-os em um álbum de recordações compartilhado em tempo real, conseguir trazer sempre consigo uma sensação é, apesar do progresso tecnológico, difícil: aquele particular toque, aquele timbre de voz, o perfume dos cabelos de uma pessoa amada são tesouros preciosos a serem cuidados o mais possível.

O frenesi cotidiano faz muitas vezes com que eles sejam colocados de lado, se fechem em um canto escondido e escuro em nossa memória, deixando assim espaço para prazos de trabalho, novas amizades e incômodos passageiros. Quando, porém, paramos por um átimo, finalmente livres do caos e do barulho, eles estão sempre ali, prontos a nos arrastar, como se quem nos deixou estivesse ainda ali, para cumprimentar e para escutar os nossos pensamentos. Jogando sabiamente com cores e música, *Coco* faz exatamente isso: primeiro nos embriaga de criaturas fosforescentes, pétalas cintilantes e uma música atraente, depois, nos enche o coração (e os olhos) de emoção (e de lágrimas). A viagem do pequeno Miguel ao reino dos mortos é uma aventura dentro dos sentimentos, uma corrida louca entre a importância do passado, das nossas raízes, e o querer perseguir os próprios sonhos, a todo custo.

Se realmente a família, as tradições, as lembranças são fundamentais para entender quem somos e assim levantar voo rumo às nossas ambições, o esquecimento é o único mal a ser temido: se não soubermos de onde viemos, não poderemos viver com consciência e, também, o sucesso se for alcançado negando o amor e provocando sofrimento, não será senão um equívoco efêmero, que engana quem olha e escuta sem atenção, mas não quem sabe o que quer dizer realmente abraçar com sentimento uma pessoa querida sentindo-se naquele momento em paz com o universo, concordando passado e futuro, reinos dos vivos e dos mortos, matéria visível e matéria obscura.

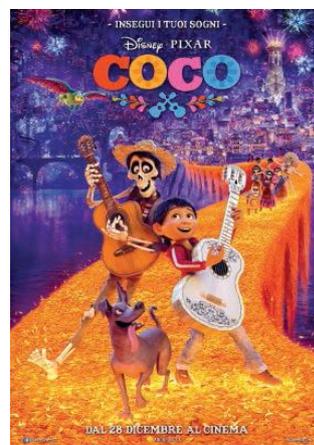
### ■ Eu me encontrei em uma floresta escura, porque o caminho certo estava perdido

Com a corrida contra o tempo de *Coco* entendemos que, aconteça o que acontecer, é preciso manter com rigor as lembranças das pessoas que amamos: não importa se nos feriram, não importa se não estão mais conosco, a centelha do amor deve ser transmitida, pois, sem amor não existe esperança e sem esperança não há futuro.

Bloqueado entre o desejo de levantar voo deixando as restrições para trás, e não decepcionar quem o ama, Miguel é uma alma rebelde que se perde momentaneamente em uma selva obscura (tem até mesmo um cachorro de nome Dante para guiá-lo), e, graças à força do seu coração e das suas canções, consegue permanecer fiel a si mesmo e ao seu sonho.

A música, quando se apagam as luzes na sala, acende a nossa vontade de sonhar, de ir além da grande tela para olhar as estrelas com os olhos de uma criança.

O filme é um convite a transformar-nos em pioneiros do nosso tempo, a superar os limites para não naufragar na ansiedade cotidiana. Crescer talvez seja o desafio mais difícil num mundo que rejeita o diferente e que, em vez de incluir, torna-se sempre mais seletivo. Em *Coco*, a colorida terra dos mortos torna a viver por meio dos olhos de um garoto de doze anos, inocente e corajoso. A busca das próprias origens, o direito de abraçar com despreocupação a sua idade e de continuar a fazer vibrar as cordas da guitarra, fazem do filme uma obra-prima de encanto e de estupor.



## A casa no meio do mar

■ **Emilia di Massimo**

emiliadeimassimo@libero.it

***A casa no meio do mar, escrito por Miguel Reina, tem como protagonistas Harold e Mary Rose Grapes, um casal aposentado, de Londres. A sua vida será transformada improvisamente por um acontecimento doloroso que, porém, lhes permitirá viver uma aventura extraordinária, não tanto pelo acontecimento em si, quanto pela atitude com que se colocam diante do acontecimento.***

### ■ **Nômades do gelo**

Depois de ter recebido um aviso de despejo, a bagagem preparada está cheia não tanto de coisas, mas de recordações muitas vezes dolorosas, feitas de sonhos que não se realizaram e, assim, tudo é declinado numa cotidiana e insuportável rotina. Mas em seguida, uma imprevisada tempestade de verão abate-se sobre o penhasco de Brent, distante ilha vulcânica circundada por um mar hostil. A montanha desaba levando consigo a casinha que improvisamente se transformou em uma espécie de jangada flutuante, levando os cônjuges Grapes a vários lugares do mundo e obrigando-os a competir com eles mesmos e como casal; sobretudo os faz confrontar-se com uma dor nunca antes enfrentada.

No final da aventura, Harold e Mary Rose voltam totalmente transformados; a experiência vivida traz o seu ensinamento: em qualquer idade, a vida sempre oferece a oportunidade de descobrir a felicidade, paradoxalmente contida no sofrimento, e para que isso se realize, é necessário estar dispostos a ser *nômades do gelo*. Os cônjuges percebem isso, não somente em direção à paisagem gelada, mas sobretudo enfrentando dentro de si a viagem que, gradu-

almente, fará derreter dentro de si mesmos cada rancor e cada mal-entendido.

Tornando-se dois náufragos a bordo de uma casa flutuante, os Grapes começam a sua viagem à deriva, em mar perigoso, espelho daquele anterior. Para sobreviver enfrentam juntos as adversidades cotidianas, dizem adeus aos fantasmas do passado e esquecem os velhos remorsos.

É necessário ficar em mar aberto e frio, para tornar a ver as luzes que brilham na superfície, para serem novamente cegados pelo brilho do sol. Então, como os maiores aventureiros, Harold e Mary Rose aprendem que nunca é tarde para realizar os próprios sonhos e que, às vezes, *é preciso perder-se para reencontrar-se*.

*“Não devemos pensar no tempo perdido, mas no que podemos fazer com o que nos resta”.*

### ■ **Metáfora da vida**

*Perder-se para encontrar-se* é um processo que precisa de uma decisão pessoal e também, de alguém que permaneça ao lado enquanto é vivido. Harold e Mary Rose encontrarão um casal de nômades, Amak e Aga, que lhes dão a possibilidade de voltar para casa, finalmente em terra firme, revelando-lhes o caminho comum da existência. Assim o expressa Amak: *“Somos nômades a caminho. A vida é um percurso, sem margens de fuga, sem árvores sob as quais nos proteger enquanto chove... Não posso desperdiçar a vida que me foi dada permanecendo imóvel, chorando o passado. Devo ficar de pé e lutar, ir adiante. A vida tem apenas um escopo: ser vivida”.*

Esta é a mensagem central que o autor, Miguel Reina, quis comunicar. De fato, ele mesmo augura aos leitores a não se render porque, *“mesmo se às vezes acontecem coisas que não entendemos, a vida é uma viagem que merece ser vivida em plenitude”.* O romance, mediante os eventos dos cônjuges Grapes, é um hino à beleza da existência, maior do que toda vicissitude e nunca separado do sofrimento; é um convite à esperança quando se é capaz de acender uma luz interior, mesmo se fracassa e não se sabe de onde vem, com a confiança de que, embora leve tempo, no final os sonhos possam tornar-se realidade e a vida possa ser vivida como protagonistas.

“... parar de viver a vida que se espera... para começar a viver a vida que sempre se sonhou”.

A ideia do livro, que está na primeira parte mais descritiva, às vezes um pouco repetitiva é, todavia, mais suave e ágil na sequência, oferece variadas pistas de reflexão apoiadas pela discreta capacidade que o autor tem de traduzir em palavras os sentimentos que vivem os personagens, em particular Harold e Mary Rose, tanto como indivíduos quanto como casal.

A luz é uma temática recorrente no romance, remete a uma realidade ultraterrena, afirma que quem nos precedeu fica, seja como for, ao lado daqueles que o amaram, e é reconhecido como o mesmo brilho presente tanto na alegria como na dor: *brilha na aurora, brilha em uma lágrima*.

O texto pode ser utilizado em âmbito pastoral para levar os jovens a compreender que a vida é conquista e exige que se entre no jogo, que se escutem as próprias emoções e que se aceitem as falhas.

A figura central do mar na tempestade é uma das imagens mais poderosas que, desde os tempos antigos até hoje, subsistem. A casa flutuante dos Grapes, ou melhor, a barca sobre a qual se encontram, representa a imagem dos conflitos interiores da pessoa e, em parte, dos externos. Então, um coração em tempestade, precisamente como o de Harold e Mary Rose, é interpelado por uma dor que pede para tomar posição, pois, como entendem os cônjuges, afastando-se do próprio coração, trocam o mar por um pequeno lago, assim a infinita extensão de água não pode oferecer mais terras desconhecidas ao navegante que, talvez, não esteja consciente de ser, ele mesmo, aquele que as delimita.

Harold dirige-se à mulher: *“Desde o dia em que permitimos ao medo e ao ressentimento preencher o vazio... e aceitamos que a luz que nos havia guiado se apagasse... nós nos perdemos”*. A gratidão é o que Harold e Mary Rose aprendem, pois a vida concede sempre uma segunda possibilidade de viver de modo diferente. E a partir de tal ensinamento, o mar antes hostil e frio, permanece como tal, mas infinito, inexplorável e cheio de mistério, precisamente como a vida, agora admirado com estupor e gratidão.

## Sonhar para agir

■ **Mariano Diotto**

m.diotto@iusvre.it

“...e como as sementes que sonham sob a neve, o seu coração sonha a primavera. Confie em seus sonhos, porque neles está escondida a passagem para a eternidade” (Khalil Gibran).

O sonho é uma parte integrante da nossa vida. Desde crianças nos perguntam o que quereríamos fazer quando grandes e assim os sonhos, que poderíamos chamar também de “as expectativas”, são alimentados.

«Os sonhos são desejos de felicidade. No sono tu não tens pensamentos. Tu te expri- mes com sinceridade», são as palavras da canção de apoio do filme de **Walt Disney** que todos vimos: *Gata-borracheira*. No fundo os sonhos, em nível psicológico, relatam a nós mesmos aquilo que racionalmente não conseguimos entender. Porém, os sonhos são também uma grande pulsão para agir. Os sonhos são belos e positivos quando podem ser realizados, portanto a nossa vida é um caminho para alcançar os nossos sonhos. Como disse **Ligabue**: «São sempre os sonhos que dão forma ao mundo». Pode uma simples canção ser fonte de inspiração e ajudar os sonhos a se realizar? Eu creio que sim.

### ■ Os sonhos nos ajudam a crescer

Existe uma belíssima canção sobre os sonhos, de **Roberto Vecchioni** que é uma verdadeira poesia. Intitula-se: *“Sonha, jovem, sonha”*. É uma exortação a não se deixar submeter pelas incertezas da vida e pelas decepções, a colocar-se sempre em discussão apesar das dificuldades, a viver ativamente cultivando e levando avante, custe o que custar, os próprios ideais mesmo quando a sua realização nos coloca muitas vezes diante de sofrimentos e da derrota.

«E te dirão palavras vermelhas como o sangue, negras como a noite mas, não é verdade, rapaz, que a razão esteja sempre com o mais forte; eu conheço poetas que mudam, com o pensamento, os rios de

lugar, e navegantes infinitos que sabem falar com o céu. *Sonha, rapaz, sonha quando sobe o vento nos caminhos do coração, quando um homem vive por suas palavras ou não vive mais. Sonha, rapaz, sonha, não deixá-lo só contra este mundo, não deixá-lo ir, sonha profundamente, faz isso também tu!*».

O importante é redescobrir o valor e a importância dos **sonhos** para que se tornem parte da nossa cotidianidade, para que sejam o motor do nosso agir, sem criar muitas ilusões.

### ■ Os sonhos são um pedido de ajuda

William Shakespeare dizia: «Somos feitos também nós da matéria da qual são feitos os sonhos; e no espaço e no tempo de um sonho está contida a nossa breve vida». É a mesma mensagem expressa na canção *Dreams*, de Dolores O’Riordan, cantora dos **Cranberries**: «A minha vida muda a cada dia, de todos os modos possíveis, e os meus sonhos nunca são calmos como parecem. Sei que me sentia assim também antes, mas agora eu sinto ainda mais e, então, eu me abro e vejo que a pessoa que aqui está caindo, sou eu, um modo diferente de ser».

Ao contrário, a famosa banda estadunidense, dos **OneRepublic** relata em *Dream* como seja de dever sonhar precisamente para sair dos momentos negativos que a vida nos apresenta: «Nos meus dias mais escuros existe luz. Poderia ter sido só um sonho. Nestes dias escuros e nestas noites eu serei mais do que aquilo que vedes. No meu escuro existe uma luz. Mas tu disseste: «procura o teu sol, aqui não há». Eu me disse: “não me interessa”. As pessoas podem sonhar».

**«Tenha belos sonhos. Antes, tenha-os juntos. Juntos eles valem mais». (Massimo Gramellini).**

### ■ Os sonhos nos ajudam a mudar

Kelly Clarkson é uma cantora estadunidense que depois de uma infância difícil feita de transferências de cidade em cidade, por causa do divórcio dos seus pais e de amigos que deviam mudar de ano em ano, encontrou a força para transformar o seu destino. De fato, em 2002 participou da primeira edição do show de talentos *American idol*, vencendo-o. Relata este seu caminho e as suas transformações, na canção *Brea-*

*kaway*: «Ela cresceu em uma pequena cidade e enquanto a chuva caía ficava olhando pela janela e sonhando o que poderia ser. Abrirei as minhas asas e aprenderei a voar pelo tempo que for necessário, até tocar o céu, e expressarei um desejo de ter a possibilidade de uma mudança e de afastar-me das trevas. Mas não esquecerei aqueles que amo, correrrei um risco, terei uma possibilidade, farei uma mudança, e partirei».

Também **Britney Spears** relata a sua mudança em *Someday I Will Understand*. «Nenhum caminho parece ser o certo. Tudo parece superficial. Deus me fez entender e me disse que alguém vela sobre mim. E isso é tudo aquilo pelo que eu rezo. Um dia entenderei todo o desígnio de Deus e o que Ele fez para mim. Talvez um dia respirarei e finalmente verei tudo isso no meu filho».

O sonho de **Britney Spears** de se tornar mãe, e expresso nesta canção, tornou-se realidade somente em parte. De fato, a maternidade não lhe deu total bom senso, antes, os dois anos sucessivos foram aqueles em que cometeu as maiores malvadezas da sua vida, chegando a fazer ações não exemplares de uma mãe. Mas, também os erros servem e parece que tudo isso lhe serviu, porque hoje é uma mãe amorosa e ligadíssima aos próprios filhos. A cantora, mais de uma vez, admitiu ter-se aproximado da fé cristã e que seus filhos e Deus a salvaram do passado turbulento.

### ■ Os sonhos devem tornar-nos felizes

É o que foi cantado pela Irmã Cristina, vencedora de *The Voice of Italy*, no seu último disco com o título *Feliz*: «A paciência da respiração, a beleza do futuro, cada sonho que lancei além do muro, tudo isso aonde irá? Cada lágrima escondida por cada adeus que coloquei no bolso e por quando eu disse basta. Todo dia a cabeça baixa, agora sei que sentido tem. É para ti que eu desde sempre vivo. É para ti que roubarei também o céu porque tentarei, tentarei privar-te de todas as cicatrizes. Somente um desejo tenho: quero que simplesmente sejas feliz».

Deste modo os sonhos podem ajudar-nos a viver melhor o presente e, também, a projetar o futuro e agir para podermos realizá-lo melhor. É o melhor augúrio para todos nós que somos sonhadores.

## Não tenhais medo de sonhar... com a câmera nas mãos

**Caterina Cangia**  
sisternet@thesisternet.it

**Três foram os verbos propostos pela Igreja e vividos na pastoral, em preparação ao Sínodo sobre os Jovens: reconhecer, interpretar e escolher. O resultado do empenho, diante destes três verbos, é a capacidade de *sonhar*.**

Em um encontro com os jovens de Brescia, o Papa Francisco recomendou “seguir os sonhos de Jesus”. Belíssimo dever é conhecer/reconhecer, entender/interpretar e escolher/seguir os sonhos de Jesus. E Jesus, o que sonha? Sonha o amor sem medida e sem condições, para com Ele e entre nós. Tudo aqui. Por que é tão difícil, então, seguir os seus sonhos? Talvez porque tenhamos medo de que possam perturbar os nossos sonhos ou porque não queiramos mudar alguma coisa em nós, alguma coisa nossa, para sermos capazes de tornar realidade, em nosso entorno, este único e maravilhoso sonho? Para sonhar o advento do Reino de amor e de fraternidade universal com Deus, como Pai que ficou muito alegre quando quem havia se perdido, voltou para casa, é indispensável abraçar a lógica do amor. Assim vivia Jesus, assim é o seu coração: humilde e cheio de amor pelos “pequenos” do Reino.

Gostaria de saber se a imagem audiovisual pode ajudar-nos a refletir a respeito deste seu sonho, a cultivar o diálogo ao redor deste seu sonho, a procurar e encontrar as ocasiões para realizar este seu sonho.

### ■ Um exemplo de alta qualidade cinematográfica: “Sonhos” de Akira Kurosawa

É possível aprender muito a respeito da realização de breves filmes formativos pela visão de produtos de elevada qualidade artística e pelo conteúdo denso de valores.

Falando aqui de sonho e de sonhos, um filme emblemático que poderia servir de exemplo para a planificação e realização de um produto audiovisual sobre “sonhar”, na ótica da qual fala o Papa Francisco, poderia ser **Sonhos** do diretor japonês **Akira Kurosawa**. É um filme composto de oito episódios que, relatando os vários períodos da vida do diretor, partindo da infância até a morte, apresentam temáticas universalmente compartilhadas, como a inocência da infância (no episódio *Raios de sol na chuva*); a salvaguarda da criação (no episódio *O pescador*); a espera da “salvação” (no episódio *A tormenta*); a morte e a guerra (no episódio *O túnel*); a ética da arte (no episódio *Corvos*); o uso danoso do nuclear (no episódio *Fugi em vermelho*); as consequências das explosões atômicas (no episódio *O demônio que chora*); e enfim a alegria do viver a simplicidade (no episódio *A aldeia dos moinhos*).

No filme vemos o desenrolar da parábola humana desde a infância, passando pela juventude e a idade madura até a velhice. A beleza dos cromatismos da fotografia, a delicadeza das cenas e a simplicidade da composição das enquadramentos deixam grande espaço à interpretação e à reflexão criativa, e podem ser um excepcional convite, ao grupo dos nossos jovens animadores e animadoras, para olhar com particular atenção o filme em vista de construir um roteiro e de realizar as tomadas sobre a temática do grande “sonho de Jesus” a ser transformado depois, em vivência cotidiana.

### ■ Os vossos jovens terão visões

“Aprende a maravilha, cultiva o estupor, vive, ama, crê. E sobretudo sonha, não ter medo de sonhar. Sonha!” (Papa Francisco). No exemplo da arte cinematográfica e da solidez e densidade dos conteúdos presentes no filme *Sonhos*, lançamos o título: “O sonho dos jovens é o mesmo sonho de Jesus”. Entremos também nós no jogo, junto com eles. A vivaz participação ao Sínodo será a tradução das nossas reflexões e orações em imagens em movimento misturadas com música e palavras. Com todo o material rodado que agora derramamos no computador, estamos na etapa final do nosso curso de vídeo. Olhos e ouvidos, coração e mente estão ricos de imagens e de sons que analisamos com cuidado, servindo-nos do filme *Sonhos*.

## A Juventude, um tempo de santidade

Tocou-me muito a conclusão do *Instrumentum laboris* do Sínodo dos Bispos. Parece que é Dom Bosco que nos fala!!!

Somos solicitadas pelo Papa Francisco a viver a santidade, que é “o rosto mais belo da Igreja” (GE 9) e devemos vivê-la, tornando-nos uma “comunidade simpática”.

*Estais escutando? Simpáaaaatica!* Agora estou entendendo um pouco melhor o que significa criar a “cultura vocacional” em comunidade e tornar-nos simpáticas aos jovens, que não se trata de fazer ver um rosto sorridente, como se faz com uma fotografia.

Nós Irmãs, que temos uma idade digna de sabedoria, deixamos de ser sensíveis diante da simpatia dos jovens que buscam apenas pessoas acolhedoras, felizes, que façam propostas profundas. Esforcemo-nos para entender em profundidade as motivações que levam os jovens a serem alegres.

Encontrei o segredo para viver em eterna juventude. *Quereis conhecê-lo?*

Ter o sorriso sincero (cuidar bem dos “dentes da alma”), deixar transparecer a presença de Deus em nossa vida (cuidar da autenticidade), ser apaixonados pelos jovens (cuidar da atualização para compartilhar com eles).

Eis que começa “um tempo de santidade”. Talvez estejais pensando que sou romântica, mas não! Sou realista, porque hoje a santidade é possível, não sozinha, mas junto com os leigos e com os jovens, porque o Sínodo nos fala de *comunidade simpática* e todos juntos podemos construí-la.

*Estamos nos tornando santas/os?* Será o fruto do Sínodo: caminhar em santidade com os jovens. O Papa Francisco é maravilhoso porque sabe intuir a nossa inquietação ao preparar um Capítulo Geral, e nos oferece a oportunidade do Sínodo sobre o tema dos jovens e sobre o Projeto de Deus sobre eles.

A curiosidade que eu tinha há alguns meses atrás, sobre o Sínodo, ajudou-me muitíssimo. Ela expande a nossa capacidade de acolher as surpresas, característica própria da “juventude do coração”. Está próximo um horizonte cheio de surpresas. Por que? Olhando para o futuro do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, deixei-me intrigar pelos temas propostos pela Avaliação Trienal para o próximo Capítulo Geral XXIV. Imagino a nossa “casa que evangeliza”, que se torna santa e cheia de jovens que querem seguir Jesus. O que pensais? Preparemo-nos para as surpresas de Deus!

*Palavra de Camilla!*

A montagem é a arte de unir ou talhar as enquadramentos combinando elementos sonoros e visuais e trabalhando sobre a relação entre o espaço e o tempo, para que possam emergir novos significados ou para que os significados a serem veiculados permaneçam impressos pela beleza da sua concatenação. Para isto serve a montagem: para produzir sentido, para dar uma forma e para imprimir um ritmo. Trata-se de uma delicada operação de reconstrução utilizando truques e regras práticas tanto dos maiores diretores como dos simples amadores. No filme *Sonhos* encontramos belíssimos exemplos de montagem realizados por **Tome Minami** sob a guia do diretor, que fazem de cada episódio uma composição artística. A montagem é um momento criativo fundamental para o sucesso do filme e assim será para os nossos jovens animadores, todos tomados pelo significado e pela beleza a ser transmitida. Façamos tesouro da técnica de montagem que aprimora a análise da alma através da imagem parada nos rostos e a técnica da *show-motion*.

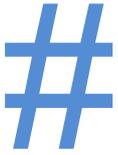
Queremos realizar uma obra-prima de montagem para o nosso filme formativo sobre o sonho de Jesus que será, graças ao que vamos produzir, ocasião para a nova vitalidade que a Igreja quer encontrar precisamente para os jovens, pois será ocasião para mostrar o seu rosto e apresentar, ao jovens que ainda não o conheceram, a beleza da Boa-Nova. Para isso serve o Sínodo. É a isso que a nossa competência com o audiovisual poderia nos levar.

### Montar a rotação consiste em:

- Emborcar o vídeo rodado pela videocâmara digital no computador e depois posicionar os clips áudio e vídeo sobre os traços da timeline escolhendo bem a sequência das imagens.
- Acrescentar a coluna sonora às imagens. A escolha do sonoro faz avançar as imagens em ritmo de música.
- Talhar com critério as imagens seguindo o ritmo musical.
- Intitular o início e o fim do filme e escrever, se for o caso, as legendas.
- Usar com sobriedade as transições entre uma cena e outra.
- Aplicar poucos efeitos especiais.

### Sugestões para a publicação do produto realizado

O produto realizado pode ser posto no DVD com fundo, menu e música, ou pode ser publicado online sobre espaços de vídeo *sharing* como Youtube, Vimeo, AOL, Vídeo, Authorstream, Blip.tv, Ciaktube, DropShots e Geobeats, TeacherTube.com, Vidipedia e numerosos outros. É ótima coisa ter um canal no próprio nome e libertar-se da cadeia dos outros vídeos que, automaticamente se concatenam ao nosso.



## ***Espiritualidade Juvenil Salesiana***



### *Escrevo a ti...*

«Um coração que vive no espaço de Deus torna-se “generoso e grande” (C.27, 47), «capaz de acolher as perguntas dos jovens, suas dúvidas e medos, ajudá-los a realizar o projeto de amor sobre cada um e cada uma».

### **A espiritualidade de comunhão e de serviço**

«Eu gostaria de passar a palavra aos jovens para colocar-nos em sua escuta. Faço-o retomando as sugestões que nos foram oferecidas no CG XXIII, autênticas pérolas de reflexão.

Pediram-nos para testemunharmos a alegria da nossa vocação, escutá-los com sinceridade e profundidade. Pediram-nos para participarem da nossa vida, da nossa oração. Sugeriram-nos também de interpelá-los, sem medo.

Os jovens de todo o mundo estão mudando: muitos procuram o sentido da vida, abertos a acolher propostas de valores humanos e espirituais, disponíveis ao diálogo na diferença. Às vezes podem estar desanimados pelas situações que vivenciam e pela falta de perspectivas de futuro. Eles têm muito a nos dizer e a nos ensinar, se temos a humildade de aprender, se procuramos descobrir junto com eles um mundo possível e belo. Dom Bosco e Madre Mazzarello nos deixaram um exemplo atual para iluminar o futuro: «Permanecer fiéis ao grande sonho de Deus: ver os jovens de todos os tempos, felizes no tempo e na eternidade» (Madre Yvonne Reungoat - Circ. nº 955).

**«Sonha grandes coisas.  
Sonha que, também com a tua ajuda,  
o mundo pode ser melhor.  
Se dá o melhor de ti mesmo,  
ajuda o mundo a ser diferente.  
Não te esqueças de sonhar!».**

**(Papa Francisco)**